



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
UEMA CAMPUS BARRA DO CORDA – MA  
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**CINTIA NAIARA DA SILVA SOARES DE SOUSA  
MICHELL HELRE DOS ANJOS RODRIGUES**

**O NEGRO COMO PROTAGONISTA NO CONTO “A ESCRAVA” DE MARIA  
FIRMINA DOS REIS: uma proposta didática em consonância com a Lei 10.639/03 na  
Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes em Barra do Corda-MA**

BARRA DO CORDA-MA  
2023

**CINTIA NAIARA DA SILVA SOARES DE SOUSA  
MICHELL HELRE DOS ANJOS RODRIGUES**

**O NEGRO COMO PROTAGONISTA NO CONTO “A ESCRAVA” DE MARIA  
FIRMINA DOS REIS: uma proposta didática em consonância com a Lei 10.639/03 na  
Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes em Barra do Corda-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Letras, da Universidade Estadual do Maranhão do Centro de Estudos Superiores de Barra do Corda para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Raimundo José Rodrigues de Moura.

BARRA DO CORDA-MA  
2023

Sousa, Cintia Naiara da Silva Soares de.

O negro como protagonista no conto “A Escrava” de Maria Firmina dos Reis: uma proposta didática em consonância com a Lei 10.639/03 na Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes em Barra do Corda-MA./ Cintia Naiara da Silva Soares de Sousa; Michell Helre dos Anjos Rodrigues – Barra do Corda - MA, 2023.

63 f

TCC (Curso de Letras Licenciatura Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Barra do Corda. Barra do Corda (MA), 2023.

Orientador: Prof. Me. Raimundo José Rodrigues de Moura.

1.Ensino Fundamental. 2.Literatura afro-brasileira. 3.Maria Firmina dos Reis. I. Rodrigues, Michell Helre dos Anjos. II.Título.

**CINTIA NAIARA DA SILVA SOARES DE SOUSA  
MICHELL HELRE DOS ANJOS RODRIGUES**

**O NEGRO COMO PROTAGONISTA NO CONTO “A ESCRAVA” DE MARIA  
FIRMINA DOS REIS: uma proposta didática em consonância com a Lei 10.639/03 na  
Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes em Barra do Corda-MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Letras, da Universidade Estadual do Maranhão do Centro de Estudos Superiores de Barra do Corda para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Raimundo José Rodrigues de Moura.

**APROVADA EM: 18 /12 /2023**

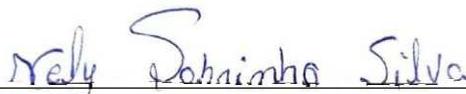
**BANCA EXAMINADORA**



**Professor Raimundo José Rodrigues de Moura (orientador)  
Mestres em Letras (UFPI)**



**Professor Wallace de Lima Reis (membro)  
Graduado em Letras (UEMA).  
Esp. Em Linguística -Faculdade Patrocínio**



**Professora. Nely Sobrinho Silva (membra)  
Esp. Língua Portuguesa e Literatura e Literatura brasileira – (IESF)  
Universidade Estadual do Maranhão – (UEMA)**

**BARRA DO CORDA-MA  
2023**

Dedicamos este trabalho a Deus por ter nos dado força e coragem no decorrer dessa jornada universitária e as nossas famílias que têm nos apoiado e incentivando nossa vida durante o período acadêmico.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Deus em primeiro lugar pela proteção que nos concedeu, dando-nos a oportunidade de concluir esse estudo com êxito. Aos docentes pela paciência e compreensão dedicadas durante todos esses anos e principalmente ao Prof. Raimundo José Rodrigues Moura que tem contribuído na realização desse trabalho de conclusão, dando apoio e apontando sugestões para trabalharmos com o tema que escolhemos. Aos colegas de turma que durante esses anos souberam conviver de maneira harmoniosa e agradável. Aos nossos familiares, em especial nossos cônjuges e filhos (as) pelo incentivo para a realização deste sonho.

Enfim, agradecemos a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

*“Epigrafe”*

"A escravidão do negro é a mutilação da liberdade do branco."

Ruy Barbosa

## RESUMO

O presente trabalho apresenta-se como proposta de intervenção pedagógica para os alunos do 8º ano das turmas “A e B” do Ensino Fundamental na escola Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes, localizada no bairro Trizidela na cidade de Barra do Corda-MA, a partir do conto “A ESCRAVA” de Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Fomentando práticas que contribuam para a inclusão educacional dos discentes das turmas já citada. Neste sentido, tem-se como objetivo geral analisar o livro didático como programa de trabalho da diversidade cultural da literatura afro-brasileira na visão dos professores da escola citada. Metodologicamente, partimos de uma abordagem qualitativa e realizamos observações no âmbito da escola selecionada e entrevistas semiestruturadas com os professores de Língua Portuguesa e História das turmas. O estudo foi conduzido utilizando uma abordagem metodológica qualitativa e intervencionista, que busca integrar teoria e prática. A fundamentação teórica do estudo se baseou em diversos autores, como CAVALLEIRO (2000), TELLES (2010), HELLER (2004), AMANCIO (2008), dentre outros. Esses autores forneceram suporte teórico essencial para a compreensão e análise da Literatura Negro-Brasileira. Com a pesquisa identificamos que não há formação específica voltadas para essa temática, nem métodos pedagógicos suficientes para incluir os assuntos de forma qualitativa.

**Palavras chave:** ensino fundamental, literatura afro-brasileira, Maria Firmina dos Reis.

## ABSTRACT

The present work presents itself as a proposal for a pedagogical intervention for 8th year students in classes "A and B of Elementary Education at the Escola Integrada Professor Galeno Edgar Brandes located in the Trizidela neighborhood in the city of Barra do Corda-MA, from the short story, "A SLAVE" by Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Promoting practices that contribute to the educational inclusion of students in the classes already mentioned. In this sense, the general objective is to analyze the textbook as a work program for cultural diversity of Afro-Brazilian literature from the perspective of teachers at the aforementioned school. Methodologically, we started from a qualitative approach and carried out observations within the selected school and semi-structured interviews with the Portuguese Language and History teachers in the classes. The study was conducted using a qualitative and interventionist methodological approach, which seeks to integrate theory and practice. The theoretical foundation of the study was based on several authors, such as CAVALLEIRO (2000), TELLES (2010), HELLER (2004). AMANCIO (2008), among others. These authors provided essential theoretical support for the understanding and analysis of Black Brazilian Literature. Through the research, we identified that there is no specific training focused on this topic, nor sufficient pedagogical methods to include the subjects in a qualitative way.

**Keywords:** elementary education, afro-brazilian literature, Maria Firmina dos Reis.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1. Escolaridade dos pais dos alunos do 8º ano “A”.....	27
Gráfico 2. Você costuma ler em casa?.....	28
Gráfico 3. Com que frequência aparecem personagens negros (as) como protagonistas?.....	29
Gráfico 4. Você conhece algum texto literário de escritores (as) negros (as)?.....	30
Gráfico 5. Você conhece algum (a) escritor (a) negro (a)?.....	30
Gráfico 6. Escolaridade dos pais dos alunos do 8º ano “B” .....	31
Gráfico 7. Você costuma ler em casa? .....	32
Gráfico 8. Com que frequência aparecem personagens negros (as) como protagonistas? .....	33
Gráfico 9. Você conhece algum texto literário de escritores (as) negros (as)? .....	34
Gráfico 10. Você conhece algum (a) escritor (a) negro (a)? .....	35

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ASG	Auxiliar de Serviços Gerais
EDH	Educação em Direitos Humanos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LIBRAS	Língua Brasileira Sinais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>A Literatura afro-brasileira no contexto escolar.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Biografia de Maria Firmina dos Reis .....</b>	<b>17</b>
<b>2.3</b>	<b>Análise do conto “A Escrava” .....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>A LEI 10.639/03 .....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
<b>4.1</b>	<b>Caracterização geral.....</b>	<b>24</b>
<b>4.2</b>	<b>Local da pesquisa .....</b>	<b>25</b>
<b>4.3</b>	<b>Coleta de dados .....</b>	<b>26</b>
<b>4.4</b>	<b>Sujeitos da pesquisa .....</b>	<b>26</b>
<b>4.5</b>	<b>Procedimentos de análise de dados.....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>27</b>
<b>5.1</b>	<b>Dados da turma do 8º ano “A” .....</b>	<b>27</b>
<b>5.2</b>	<b>Dados da turma do 8º ano “B” .....</b>	<b>31</b>
<b>5.3</b>	<b>O que dizem os docentes da escola Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes sobre documentos vigentes da educação.....</b>	<b>35</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>43</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com base na obra "A Escrava" de Maria Firmina dos Reis, este trabalho tem como alvo analisar o protagonismo do negro no século XIX, na literatura afro-brasileira, Através da linguagem sofisticada utilizada pela autora, a obra retrata as dificuldades enfrentadas pelos descendentes de escravos, contribuindo para uma compreensão mais profunda da história e das consequências vivenciadas pelos negros no Brasil.

No conto são retratados episódios que ocorrem durante o período da escravidão evidenciando esses problemas na sociedade, a obra escrita pouco antes da Lei Áurea (1888), possui um caráter abolicionista, servindo como instrumento para denunciar a falta de respeito e a desumanização vivenciada pelos negros. A literatura afro-brasileira do século XIX tinha como objetivo principal denunciar a visão escravocrata brasileira e os conflitos na época. A narrativa retrata o cotidiano da escravidão, expondo atitudes preconceituosas e o sofrimento de Joana, sendo uma obra abolicionista que denuncia a falta de respeito e desumanização contra o negro.

Neste contexto, justifica-se a escolha da temática o negro como protagonista no conto "A Escrava" de Maria Firmina dos Reis: uma proposta didático-pedagógica em consonância com a lei 10.639/03 na unidade integrada professor Galeno Edgar Brandes em Barra do Corda - MA, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar com a História, pois nela se apresenta a cultura africana, para que seja rompido o silêncio e o esquecimento desses conteúdos poucos estudados em sala de aula. Pois o estudo da temática ainda é pouco conhecido pelos professores de outros componentes curriculares, até mesmo os professores de história reconhecem, mas não valorizam a Lei e a obrigatoriedade do ensino

Este trabalho teve como objetivos específicos, ressaltar a importância e contribuições da literatura afro-brasileira para a formação de uma identidade negra e cultural, descrever a obrigatoriedade do ensino da literatura afro-brasileira segundo a Lei 10.639/03 prescreve, analisar como são utilizados os livros didáticos e estudos da literatura afro-brasileira em sala de aula, explorar a importância do ensino dessa literatura na escola.

O estudo foi realizado nas turmas do 8º ano "A" e "B" da escola já citada. No entanto a pesquisa evidencia a importância de levar a leitura da literatura afro-brasileira, para a escola, valorizando a origem do povo negro e promovendo uma aproximação dos estudantes. Isso facilita o processo de ensino-aprendizagem e contribui para a transformação da sociedade, combatendo o preconceito.

No intento de alcançar os objetivos, organizamos a presente monografia em cinco partes distintas, sendo este o introdutório. No segundo capítulo, aborda a contextualização histórica da literatura afro brasileira com o subtítulo a literatura afro-brasileira no contexto escolar, a biografia da escritora e análise detalhada do conto "A ESCRAVA". O terceiro capítulo trata especificamente da Lei 10.639/03, para inclusão do ensino de literatura afro brasileira, história e cultura dos povos negros, nos estabelecimentos públicos e privados. Quarta é apresentados os recursos metodológicos utilizados no desenvolvimento do trabalho, incluindo a caracterização geral do estudo, o local da pesquisa, a coleta de dados com os sujeitos envolvidos, os procedimentos de análise e os resultados obtidos, e a quinta parte segue os resultados discussões alcançadas na pesquisa pertinentes ao tema.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

### 2.1 A Literatura afro-brasileira no contexto escolar

O ensino da literatura afro-brasileira no contexto escolar permite a construção de conhecimento e por meio da troca e diálogos entre diferentes costumes e culturas diversas, leva o aluno ter contatos com a origem e conhecimento da sua identidade, construindo um novo olhar sem preconceito e intolerância no cotidiano escolar.

Na escola a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e a ordem estabelecidas. A falta de limites associada a desconsideração pelos outros contribuem se impor pela força e pela agressão. (Salles; Silva, 2008, p.151).

Dessa forma o ambiente escolar e o lugar onde todas as questões precisam ser trabalhadas em interação com a educação brasileira, a literatura afro-brasileira pode ser levada como estratégia fundamental para apresentar a história e cultura dos povos africanos e afrodescendentes promovendo o contato da pluralidade cultural afro descentes, desconstruindo estereótipos e corrigindo o mal-entendido para combater o racismo e enfraquecer uma cultura de violência.

A literatura afro-brasileira tem ganhado cada vez mais destaque nas últimas décadas, especialmente desde a promulgação da lei 10.639/03. Essa valorização se deve, em grande parte, ao fato de que alguns escritores têm abordado temas relacionados à cultura afro-brasileira. Essa literatura é definida por Ironildes Rodrigues como a produção literária feita por autores negros no Brasil, abordando temas relacionados à cultura, história e experiência negra.

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (Apud Lobo, 2007, p. 266)

Sendo assim ela torna-se um fator importante para dar voz e representatividade aos autores negros, abordando questões que são relevantes para a comunidade negra.

A denominação literatura afro-brasileira, por sua vez indicaria um conjunto de produtos, de autoria afrodescendente, que tematizaria a negritude a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar à condição do negro no Brasil. (Macedo, 2010, p. 279).

A literatura afro-brasileira, ao retratar a história e aspirações dos afro-brasileiros, desempenha um papel fundamental na implementação da Lei 10.639/03, que valoriza a cultura negra na formação da sociedade brasileira, desmistificando visões de submissão e promovendo novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana.

A cultura negra é compreendida como sujeitos históricos dotados de saberes, crenças e valores. Na literatura afro-brasileira, assim como em outras formas de expressão, como música, culinária e dança, essa cultura é valorizada. Além disso, importantes intelectuais negros brasileiros contribuem com seus pensamentos e ideias para enriquecer essa produção cultural.

Além refletir os padrões sociais de diferentes épocas. Ela descreve personagens e seus comportamentos durante momentos históricos significativos. Ao fazer isso, a literatura afro-brasileira busca trazer à tona a autoafirmação da identidade negra, que por muito tempo foi relegada ao fracasso. A sociedade impôs estereótipos que associavam a cultura negra à inferioridade.

A lei 10.639/03 tem como objetivo promover reparação e reconhecimento, o qual possui diversas implicações, incluindo:

É necessário que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual. (MEC, 2004, p. 12)

É fundamental questionar as relações étnico-raciais que perpetuam preconceitos e estereótipos depreciativos, promovendo uma sociedade desigual e hierárquica.

No que diz respeito ao ambiente escolar, é importante valorizar as manifestações poéticas, culturais e religiosas de origem africana, pois elas contribuem para a formação de estudantes críticos e conscientes. Ao reconhecer e respeitar essas manifestações, estamos promovendo a diversidade cultural e combatendo posturas etnocêntricas que marginalizam culturas consideradas subalternas. É fundamental que a escola proporcione o conhecimento crítico dessas culturas como parte essencial da nossa cidadania, em vez de tratá-las como algo exótico ou pitoresco.

Na discussão, a escola desempenha um papel fundamental na formação de seus alunos, procurando um caminho melhor para todos os membros de uma instituição educacional que busca ser plural e inclusiva. Segundo Meneses (2008. P. 10). Na escola, os

alunos têm a oportunidade de desenvolver habilidades para resolver conflitos e aprender a conviver com as diferenças.

De acordo com Paulo Silva (2008 p.25):

É também na escola que a criança tem principais contatos com as diferenças culturais e, talvez o reforço às atitudes discriminatórias, seja por meio dos livros didáticos que trazem o negro como figura diferente e folclórica, criando um estereótipo que passa a fazer parte do imaginário dessas crianças que dependendo, da educação que recebem, tornam-se adultos preconceituosos e perpetuam essa visão através de seus filhos.”

Durante muitos anos, os livros didáticos contribuíram para manter viva a ideia de inferioridade da raça negra. Essa ideia foi formada em uma sociedade com visão eurocêntrica, que determinou a subalternidade dos negros e não reconheceu sua cultura. O negro foi desvalorizado e julgado como um ser inferior, imagem essa ligada à era escravocrata do Brasil.

No contexto educacional brasileiro, a ausência de debates e reflexões sobre o racismo, o preconceito e a discriminação racial nas diversas instituições educacionais é um problema que contribui para a perpetuação das desigualdades entre negros e brancos. Ao não abordar essas questões de forma adequada, cria-se um ambiente em que as diferenças são compreendidas como naturais e as atitudes discriminatórias são normalizadas.

Na educação brasileira, a ausência de uma reflexão sobre as relações raciais no planejamento escolar tem impedido a promoção de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os agentes sociais que integram o cotidiano da escola. O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano não só impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes brilhantes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos seres realmente livres “para ser o que for e ser tudo” – livres dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas, entre outros males. (SECAD, 2005, p. 11-12)

Essa falta de diálogo e conscientização sobre o racismo também resulta na reprodução de discursos que inferiorizam os negros, reforçando estereótipos negativos e prejudicando sua autoestima e identidade. Os alunos negros podem ser impactados negativamente, sentindo-se marginalizados e excluídos dentro do ambiente escolar.

É fundamental que as instituições educacionais assumam a responsabilidade de abordar o tema do racismo de maneira aberta e inclusiva. Isso envolve promover a educação antirracista, incluir conteúdos que valorizem a diversidade étnico-racial, capacitar professores para lidar com situações de discriminação e promover espaços seguros para discussões sobre o tema.

Somente através do reconhecimento e enfrentamento do racismo é possível construir uma educação mais justa, igualitária e inclusiva, em que as diferenças sejam respeitadas e valorizadas. É necessário romper com o silêncio e trabalhar ativamente para desconstruir os preconceitos arraigados em nossa sociedade, promovendo uma cultura de respeito, igualdade e valorização da diversidade racial.

## **2.2 Biografia de Maria Firmina dos Reis**

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão no dia de 11 de março de 1822, mesmo ano da independência do Brasil. Ela era filha de Leonor Felippa dos Reis, uma escrava alforriada, e de João Pedro Esteves, um homem de posses e também sócio do senhor Caetano José Teixeira, o comendador para quem a mãe de Maria Firmina trabalhou. Foi considerada filha ilegítima de João Pedro. Sendo registrada apenas com o nome de sua mãe.

Aos cinco anos de idade Maria Firmina perde sua mãe e é levada para casa de sua tia materna, deixando, assim, a cidade de São Luís para morar na Vila de São José de Guimaraes, município de Viamão, uma pequena cidade próxima a São Luís que, em meados do século XIX, tinha uma certa notoriedade por possuir uma economia com destaque para o cultivo do algodão e da cana-de-açúcar.

Numa sociedade conservadora, moralista, patriarcal, machista, misógina e muito praticante da segregação racial e social, dá-se início a história de Maria Firmina dos Reis. Apesar das adversidades, ela teve a felicidade de ser acolhida e amparada pela irmã de sua mãe, sua tia torna-se, então, um porto seguro que a apoia. Esse fato foi fundamental para a formação de Maria Firmina do Reis.

Ainda na sua mocidade, no ano de 1847, ela competiu com outras duas concorrentes pleiteando a vaga na cadeira de instrução primária, sendo a primeira mulher a passar em um concurso público no estado do Maranhão. Anos depois ela conquista o primeiro lugar em seu estado na disciplina História da Educação Brasileira tornando-se assim “Mestra-Régia”

O acolhimento na casa de sua tia materna permitiu além de outras coisas, a aproximação de Maria Firmina dos Reis com referências culturais no campo das letras como por exemplo, a aproximação com seu tio, o gramático Sotero dos Reis, autor da primeira gramática brasileira.

Além de professora, Maria Firmina também era poetisa, romancista, cronista, contista e musicista. Era uma pessoa atuante na imprensa local, escrevendo para vários jornais

e periódicos da época como: “A Verdadeira Marmota”, “Semanário Maranhense”, “O Domingo”, “O País”, “Pacotilha”, “O Federalista” entre outros, onde publicava contos, poemas, charadas e romances.

No ano de 1859, Maria Firmina dos Reis publica sua primeira obra, o romance “Úrsula”. Este romance é considerado o primeiro romance produzido por uma mulher na literatura brasileira e também na América Latina. No ano de 1861, publica o romance “Gupeva”, um romance de temática indianista. Em 1871, Maria Firmina publica o livro “Cantos a Beira Mar” e neste livro faz um lamento sobre o seu lugar de mulher em uma sociedade na qual as mulheres não tinham muita autonomia. Já no ano de 1887, às vésperas da abolição da escravidão no Brasil, Maria Firmina publica o conto “A Escrava”.

Na década de 1880, poucos anos antes de sua aposentadoria, Maria Firmina funda a primeira escola mista e gratuita do estado do Maranhão em Massaricó, que fica a poucos de quilômetros de Guimarães.

Em conformidade com Telles (2010, p. 412):

Um ano antes de se aposentar, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em Maçaricó, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudessem pagar. Estava então com 54 anos. Toda manhã, subia em um carro de bois, para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um experimento ousado para a época.

Essa “escola” atendia principalmente alunos de baixa renda e meninas que, certamente ficariam excluídas do processo de formação intelectual. Valendo ressaltar que, na época em questão não era comum que meninos e meninas frequentassem a mesma sala de aula. Tal atitude foi considerada como uma afronta que escandalizava a sociedade da Vila de São José de Guimarães. Depois de 92 anos de vida, Maria Firmina dos Reis morre em sua casa, pobre e cega.

### **2.3 Análise do conto “A Escrava”**

É uma narrativa curta que possui por volta de vinte páginas, publicada originalmente em 1887, na Revista Maranhense, periódico que circulou no Maranhão e com o qual Firmina colaborou em seu segundo e terceiro números. O conto se passa em um salão com pessoas “da sociedade” discutindo diversos temas até que se inicia um debate sobre o “elemento servil”. Neste momento, a personagem “uma senhora” entra em cena, toma a palavra e passa a

centralizar a discussão, tornando-se a narradora da trágica história da personagem Joana, uma escrava em fuga.

Joana foi uma escrava libertada aos cinco anos de idade e, após dois anos de vivência como liberta, foi reescravizada. Indignada, fugia constantemente. Após muitos anos de violência, a personagem enlouquece, principalmente depois da separação dos filhos – seus filhos gêmeos, de oito anos, Carlos e Urbano – que foram vendidos no tráfico interprovincial e levados para o Rio de Janeiro.

Em sua última fuga, essa “uma senhora” a auxilia escondendo-a do feitor, até que chega Gabriel, seu outro filho, que também está a sua procura. Essa “senhora” lhes oferece proteção e os leva para sua casa e quando questiona Gabriel sobre a história da mãe, Joana interrompe a conversa e mesmo fraca e já à beira da morte insiste, “não. Eu mesma. Ainda posso falar. E começou”. É a partir desse lugar que Joana narrará – em primeira pessoa – as memórias de sua vida por meio de cenas de escravidão e revelará os projetos que perseguiu durante sua trajetória. Com este recurso, Joana passa a ser a protagonista da história narrada pela protagonista anônima (“uma senhora”) do conto.

Ao analisar a obra “A Escrava” é possível qualificar o texto como obra-prima da literatura afro-brasileira, por apresentar uma temática que se destaca logo com o título “A Escrava”, mostrando que o texto presente na obra traz um enunciado histórico de meados do século XIX sobre o Brasil escravocrata, relatando desde a saída forçada do povo negro do continente africano para o trabalho servil no Brasil. No entanto, em concordância com Duarte (2008) só este fato de colocar o negro como personagem central de uma narrativa, por si só não é capaz de categorizar um texto como afro-brasileiro.

O texto de Maria Firmina dos Reis coloca como personagem a mulher, que detém o poder de usar a sua palavra de maneira surpreendentemente revolucionária para a época na qual o conto foi escrito, jogando luz sobre a situação do povo negro e escravização por eles sofrida durante muito tempo, tal situação era motivo de vergonha para a escritora no que se refere ao respeito e a dignidade com a pessoa humana. Frente à sociedade escravocrata da época Maria Firmina assume uma postura que, além de se posicionar politicamente em relação ao tema abolição, também acaba elaborando uma forma de pensar de maneira questionadora, colocando seu ponto de vista sobre as questões políticas e religiosas dominantes na sociedade machista da época.

— Admira-me, – disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas; – faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezanove! A moral

religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira! Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me: — Para que se deu em sacrifício o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói? (Reis, 2018, p. 164).

No fragmento do conto a narradora expressa a questão da escravidão no Brasil tratando-a como um ato vergonhoso, tanto na questão cívica como também na moral. Visto que o Brasil foi um dos últimos países do mundo a abolir o trabalho escravo.

No conto aqui analisado, é possível observar que os acontecimentos da época não passavam despercebidos aos olhos da escritora. Tal fato fica evidente quando ela escreve “Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado” (Reis, 2018, p. 164).

Percebe-se que a autora faz uma aproximação de fala com a voz da personagem feminina, que pertence ao grupo dos abolicionistas, com a posição tomada por ela, pois era uma mulher comprometida com a questão do povo negro escravizado, e que pertencia ao grupo de intelectuais da sua época. Com isso, Maria Firmina faz uso de uma personagem para narrar a angústias do povo negro e as atrocidades às quais eles eram submetidos no período do trabalho servil.

Dessa forma, foi preciso lançar mão de estratégias até mesmo de ocultação da autoria para que o texto ganhasse a devida notoriedade através da ficção que, foi usada como único meio para não ser censurado, e com isso, transmitir sua mensagem de igualdade e liberdade com base nas experiências vividas tanto pela escritora quanto pelo seu povo durante o período da escravidão. A narradora lança seus traços de identificação sobre a personagem Joana, que estava sempre se deparando e lutando contra as violências e injustiças a qual o seu povo submetido diariamente.

### 3. A LEI 10.639/03

A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Expressa, inegavelmente, um marco nas discussões sobre a diversidade cultural no Brasil e a necessidade de seu reconhecimento no currículo escolar. A Lei 10.639/03 determina que os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira, sejam trabalhados no contexto de todo o currículo escolar, especialmente no âmbito das disciplinas de Educação, Artísticas, Literatura e História do Brasil.

Conforme Oriá Fernandes (2005, p. 384).

Sem sombras de dúvida, a Lei representa um avanço ao possibilitar a construção de um multiculturalismo crítico na escola brasileira, ao tempo em que reconhece uma luta histórica do movimento negro em nosso país, cuja bandeira de luta consistia em incluir no currículo escolar o estudo da temática história e cultura afro-brasileira'. Por outro lado, não podemos esquecer que muito ainda precisa ser feito para que a Lei não se torne letra-morta e venha contribuir, de fato, para uma educação multicultural.

Apesar de muita luta do negro, que vem sendo manifesto desde o fim do tráfico e escravidão até os dias atuais, a exigência do ensino da temática história e cultura afro-brasileira no âmbito escolar possui um grande potencial de inclusão na educação. Ainda se destaca um índice muito alto de evasão entre a população negra. Acredita-se que através da literatura se reflete a educação inclusiva, resgatando valores, identidade própria e costumes outrora perdidos.

O trabalho com Literatura ocupa um espaço privilegiado no atendimento dos objetivos da Lei 10.639/03, uma vez que a Literatura cria oportunidades diversas para discutir aspectos culturais e históricos do continente africano e do Brasil, bem como fomentar o pensamento crítico acerca de realidades diversas. (Amancio, 2008, p. 108).

De acordo com Amâncio; Gomes; Jorge (2008), o ensino da diversidade da cultura afro-brasileira, em sala de aula, através da literatura, e materiais didáticos da literatura afro-brasileira poderá combater a evasão, resgatar a cultura brasileira mestiça da identidade de um grupo social e construir uma sociedade sem conflitos, hierarquia e sem diferenças.

Dantas, Mattos e Abreu (2012, p.1009) diz que:

A partir de 2000, entretanto, localiza-se mais nitidamente o início desse movimento, quando, no governo Fernando Henrique Cardoso e, principalmente, no governo Lula, foram normatizadas várias reivindicações

encabeçadas por movimentos negros que diziam respeito ao direito à diversidade, a políticas de reparação e direitos de memória.

Tratando-se disso a população necessita ser reeducada, conscientizando contra o racismo e a discriminação racial, para aceitar e respeitar as diferenças. Em geral e o ensino de História em particular precisa avançar para o reconhecimento e incentivo a uma realidade plural, abrangente e permanente processo de reconstrução.

Além disso, Dantas, Mattos e Abreu (2012), enfatiza que contribuindo na luta pela garantia do direito à educação da população negra brasileira, envolvendo indivíduos que lutam contra o racismo para melhorar as condições de vida para a população negra.

A partir de 2008, a Lei 11.645/2008 alterou mais uma vez a LDB 9394/96, já modificada pela Lei 10.639/2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, com a seguinte redação para o artigo 26-a da LDB:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena: O conteúdo programático a à que e refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Os conteúdos referentes à história e cultura afro-Brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Santos e Carvalho, 2015, p. 88).

Os professores de Língua Portuguesa devem trabalhar em sala de aula a diversidade, a cultura através da literatura afro-brasileira, como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros e indígenas são considerados como sujeitos históricos, valorizando o aspecto sociocultural inerente à formação do povo brasileiro, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

Em janeiro de 2003, a Lei 10.639/2003 também estabeleceu as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para ensino de história afro-brasileira e africana. Sendo desafiador para os profissionais da educação, pois os ensinamentos dessas temáticas ainda não são de fato como deveriam ou as formações dos profissionais estão sendo

insuficiente, tendo dificuldade para trabalhar essas questões, visto que vivemos em sociedade preconceituosa.

As orientações para a EDH apontam que, as práticas que promovem os Direitos Humanos deverão estar presentes tanto na elaboração do projeto político-pedagógico, na organização curricular, no modelo de gestão e avaliação, na produção de materiais didático-pedagógicos, quanto na formação inicial e continuada dos profissionais da educação. (Brasil, MEC/CNE, 2012, p. 17)

Os livros didáticos já estão quase todos adaptados com o conteúdo da Lei 10.639/03 e são diversas as atividades didáticas metodológicas adequadas para cada faixa etária, ou etapas da educação básica. Além de temas relacionados e específicos aos direitos humanos, valorizando a diversidade de cada grupo social.

Ressaltando ainda que os profissionais da educação devem ter formação continuada para possibilitar uma rica aprendizagem a base dos conteúdos e planejar o currículo pedagógico escolar para diversificar os processos metodológicos e os recursos didáticos em sala de aula.

Ainda em homenagem ao dia da morte do líder quilombola negro Zumbi dos Palmares, com a Lei 10.639/03 também foi instituído o dia Nacional da Consciência Negra (20 de novembro), O dia da consciência negra é marcado pela luta contra o preconceito racial no Brasil.

Dessa forma, Dantas, Mattos e Abreu (2012) afirma que:

Um dos aspectos criticados do texto de respeito aos significados que deve ser atribuído às comemorações cívicas ligadas à luta contra o racismo 13 de maio: Dia Nacional da denúncia contra o racismo; 20 de novembro: Dia Nacional da Consciência Negra; 21 de março: dia internacional da luta pela eliminação da discriminação Racial. Especialmente para o dia 13 de maio, o parece ser sugere que tal o “dia deveria ser tratado da denúncia da das repercussões políticas de eliminação física simbólica da população afro-brasileira do pós abolição”, afirmação extremamente polêmica do ponto de vista histórico, para se dizer é possível, porém, problematizar, historicamente, os contextos em que foram instituídas, não apenas no Brasil, datas cívicas ligadas à afirmação da consciência negra e a luta contra o racismo. Historicizar tais datas comemorativas, confrontando com documentos da época, apresenta-se como excelente forma de ensinar, de uma perspectiva crítica e dinâmica, a história das relações étnico-raciais no Brasil, suas relações com a memória de experiência da escravidão e da abolição, e de suas mudanças na nossa história recente (Dantas, Mattos e Abreu, 2012, p.130).

Esses assuntos são bastante ricos nesse assunto diversidade cultural, que enfatiza sobre a identidade do povo brasileiro, essas temáticas podem ser trabalhadas em sala de aula para compreender a história da construção das raças do nosso país e para conscientização.

Contudo, as formações dos professores, ainda são insuficientes para oferecer educação de qualidade para todos, sendo assim desafiador para aplicar esses estudos na prática. Dessa forma essa Lei representa o social, política e jurídico na contemporaneidade, principalmente, do caminho sociocultural, pois o desafio maior não é só ensinar sobre os conteúdos é romper a discriminação contra o preconceito, antifascista no combate às práticas de extrema-direita, xenofobia, discriminação, supremacia, assédio, machismo e patriarcado. Para Heller (2004), todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo.

## **4 METODOLOGIA DA PESQUISA**

### **4.1 Caracterização geral**

Os procedimentos metodológicos do presente trabalho foram desenvolvidos em aspectos qualitativos, pois a pesquisa foi desenvolvida a partir de duas etapas, sendo a primeira a pesquisa bibliográfica e a segunda à pesquisa de campo, totalmente de cunho quantitativo. A pesquisa bibliográfica foi feita por meio de leituras através de livros, revistas, trabalhos prontos sobre a temática na visão de vários teóricos, sites a fim de coletar o maior número possível de informações a respeito do tema estudado, o que permitirá, também, um maior preparo para o processo durante a pesquisa de campo.

O instrumento usado para coleta de dados foi por meio de pesquisa e conversas entre os professores e alunos, os quais foram o público-alvo da pesquisa. Dessa forma, a análise de dados se deu através de questionários para o colhimento de informações e o desenvolvimento do trabalho. A primeira etapa foi realizada com a visita na escola para observação das aulas e conteúdos com os professores da disciplina de história. A segunda etapa foi feita um questionário com os professores e gestores da escola citada para colher as informações, explorando sobre os livros voltados para o assunto, para finalização do projeto.

Para Marconi; Lakatos (2011, p.69) “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisa-los”, e o método de pesquisa qualitativo que de acordo com Malhotra (2010, p.113) diz que “proporciona melhor visão e compreensão do problema”,

que teve como finalidade visitar a instituição escolhida para desenvolver o projeto e posteriormente dialogar com o professor a respeito das dificuldades enfrentadas em sala de aula e sugestões propostas.

Aliar o problema etno-racial à literatura é a forma escolhida para que seja desenvolvido o trabalho em questão. Pois segundo Cuti “[...] a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário e fonte do pensamento e da ação” (Cuti, 2010, p. 12). De acordo com tal afirmação, é imprescindível que nos apropriemos de todo esse conhecimento, para com isso aplicarmos técnicas que visem superar o racismo estrutural através das vias literárias.

Para o desenvolvimento deste trabalho ainda foi tomado como base para proposta de leitura o conto “A Escrava” de Maria Firmina dos Reis, oferecendo ao aluno estratégias de leitura para que ele consiga perceber o negro como protagonista através de um processo indenitário e humanístico.

#### **4. 2 Local da pesquisa**

A instituição escolhida foi a escola pública municipal Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes, situada na Rua Rio Amazonas, nº 151, Bairro Trizidela, em Barra do Corda –MA. Possui um espaço amplo que se divide em quatro andares, a estrutura do prédio é de 56 e seis salas de 4 pisos, esta unidade de ensino utiliza o térreo 2 pisos, que configura-se em; 01 Direção 01 Secretaria 01 Auditório 06, Banheiros, 01 Copa, 01 Sala multifuncional, uma sala para Atendimento Educacional Especializado, 01 Laboratório de informática, 01 Almoxarifado, 01 salas de vídeo, 01 bibliotecas, 01 quadras de esporte e 15 Salas de aula. Percebe-se que os equipamentos são adequados para a idade dos alunos, e funciona, os turnos matutinos e vespertino, e noturno. Atendendo às classes de Educação Infantil, e Ensino Fundamental.

O corpo docente da escola Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes atualmente que compõe a escola são; diretor geral Sérgio Martins da Silva e o diretor adjunto Wallace de Lima Reis, e os coordenadores Antônio Cleiton da Costa Sousa, Samira Carvalho Rêgo e Ioneide dos Santos Lago. A escola tem um total de 143 (cento e quarenta e três) funcionários: um total de 76 (Setenta e seis) professores distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno, há um total de 01 diretor, 01 vice-diretor, 03 coordenadores, 01 secretárias, 09 agentes administrativos, 06 do apoio pedagógico, 02 professores AEE, 02

intérpretes de libras, 16 auxiliares terapeutas, 03 auxiliares de o projeto aprender, 01 monitor de educação infantil, 20 auxiliares de serviços gerais (ASG), 02 vigias.

### **4.3 Coleta de dados**

Na realização da pesquisa visitamos a escola tivemos contato com, professores e alunos da sede, para ter acesso a instituição e dar início ao projeto que norteio a aplicação da interversão pedagógica para a turma de 8º ano A e B. Os alunos foram entrevistados com um questionário, e os professores de História e Língua Portuguesa também participaram com outra entrevista, com questões adicionais, para enriquecer os resultados e concluir a pesquisa do trabalho

No encontro seguinte, foi realizada uma breve aula sobre a Lei 10.639/03, com o objetivo de fazer com que os alunos conheçam, respeitem e valorizem os motivos pelos quais esse documento tornou obrigatório o ensino da história e cultura dos povos negros.

Foi realizado um momento de leitura do conto "A ESCRAVA" de Maria Firmina dos Reis, e no último encontro houve a conclusão da leitura, recapitulação, análise e uma atividade de reflexão sobre o objetivo do trabalho realizado nas turmas.

### **4.4 Sujeitos da pesquisa**

As entrevistas foram realizadas com professores e alunos através de questionários para avaliar o nível de conhecimento sobre a Lei 10/369/03, na instituição. Com os professores de Língua Portuguesa e História, para obter uma descrição geral sobre a formação e práticas pedagógicas relacionadas ao tema, além de uma análise mais específica sobre as práticas de ensino relacionadas ao estabelecimento dessa Lei.

Todos os professores da escola possuem formação superior, com especializações em suas áreas de formação. No entanto, nenhuma formação (inicial e/ou continuada) no que diz respeito ao ensino da História e cultura dos povos nem orientação de como devem abordar essa temática nas ambas disciplinas.

### **4.5 Procedimentos de análise dos dados**

Com o propósito de realizar uma análise dos dados, foi desenvolvido um questionário destinado aos alunos das turmas do 8º ano "A" e "B". Em seguida, as análises de cinco

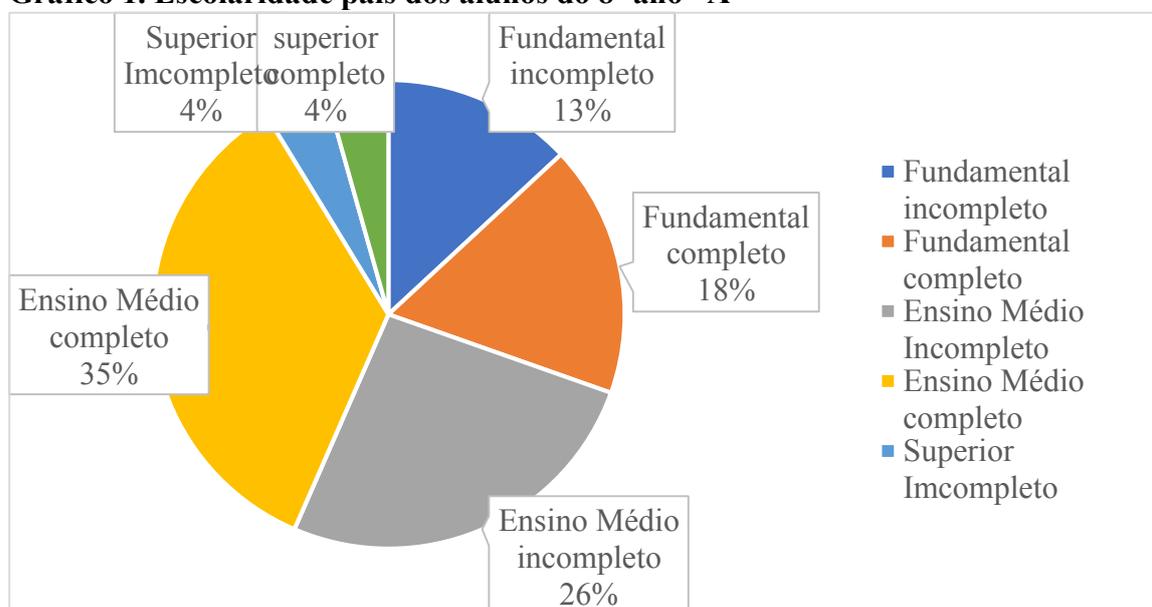
questões desse questionário, organizando-as em gráficos para comparar as respostas dos estudantes em relação à literatura afro-brasileira.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir, serão analisadas algumas perguntas contidas no questionário para as turmas do 8º ano “A” e “B” vespertino da Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes sendo apresentado um gráfico de cada questão por turma. Primeiramente observa-se os gráficos da turma do 8º ano “A”.

### 5.1 Dados da turma do 8º ano “A”

**Gráfico 1. Escolaridade pais dos alunos do 8º ano “A”**



Fonte: Acervo dos autores (2023).

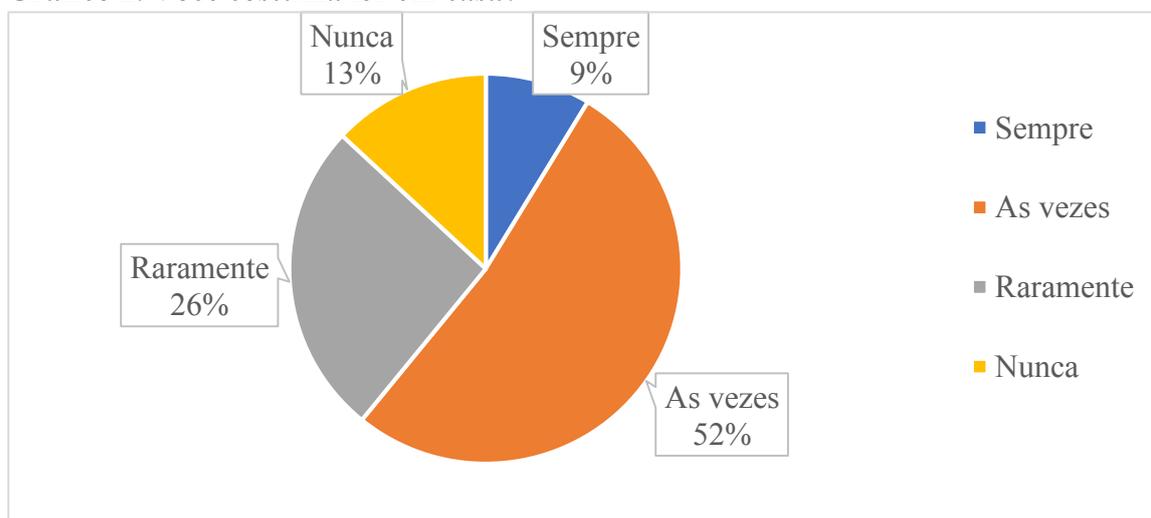
O questionário aplicado na turma do 8º ano "A" revelou dados interessantes sobre o nível de escolaridade dos pais dos alunos. Dos 23 alunos, apenas 4% têm pais com formação no ensino superior, enquanto outros 4% têm pais que estão cursando uma graduação.

Observou-se que a maioria dos alunos (35%) tem pais com o nível médio completo, o que indica um nível educacional intermediário. Por outro lado, 26% dos pais alcançaram o ensino médio, mas não concluíram devido a diferentes motivos.

É preocupante observar que 18% dos pais dos alunos possuem apenas o Ensino Fundamental completo, o que indica um nível educacional mais baixo. Além disso, 13% dos pais desistiram da escola já no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Esses dados refletem a diversidade de níveis de escolaridade entre os pais dos alunos da turma do 8º ano "A". É importante considerar essas informações ao planejar atividades educacionais e buscar maneiras de apoiar os alunos cujos pais possuem um menor nível educacional, a fim de promover uma aprendizagem inclusiva e igualitária para todos.

**Gráfico 2. Você costuma ler em casa?**

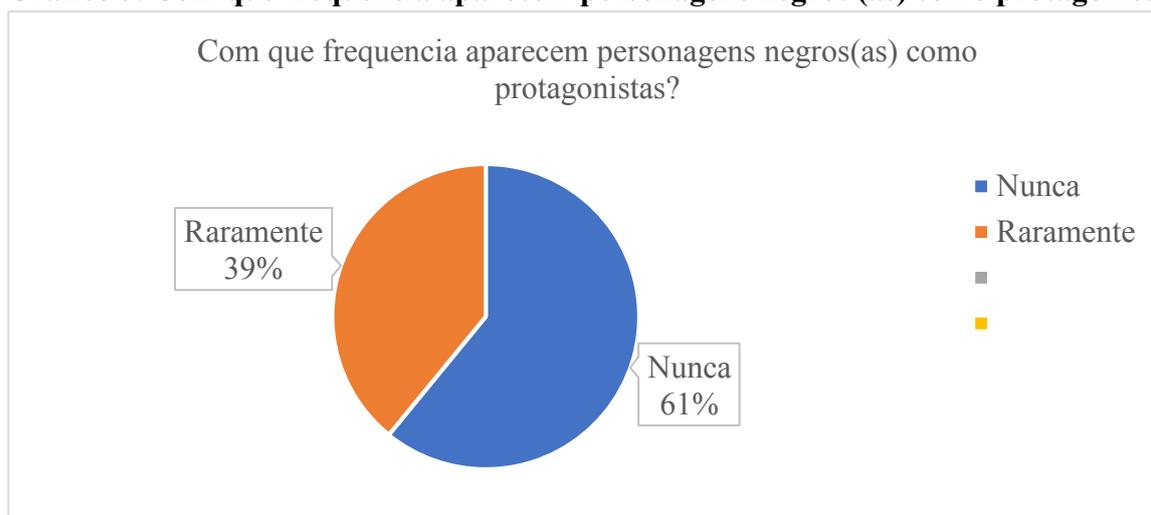


**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

Entre os alunos da turma do 8º ano "A" que responderam o questionário, 52% disseram que as vezes leem em casa, 26% disseram que raramente leem quando estão em casa, 13% disseram que não realizam nenhum tipo de leitura quando estão em casa e apenas 9% dos alunos leem algum tipo de texto literário quando estão em casa.

Entre os alunos da turma do 8º ano "A" que responderam o questionário, os resultados revelaram diferentes padrões de leitura quando estão em casa.

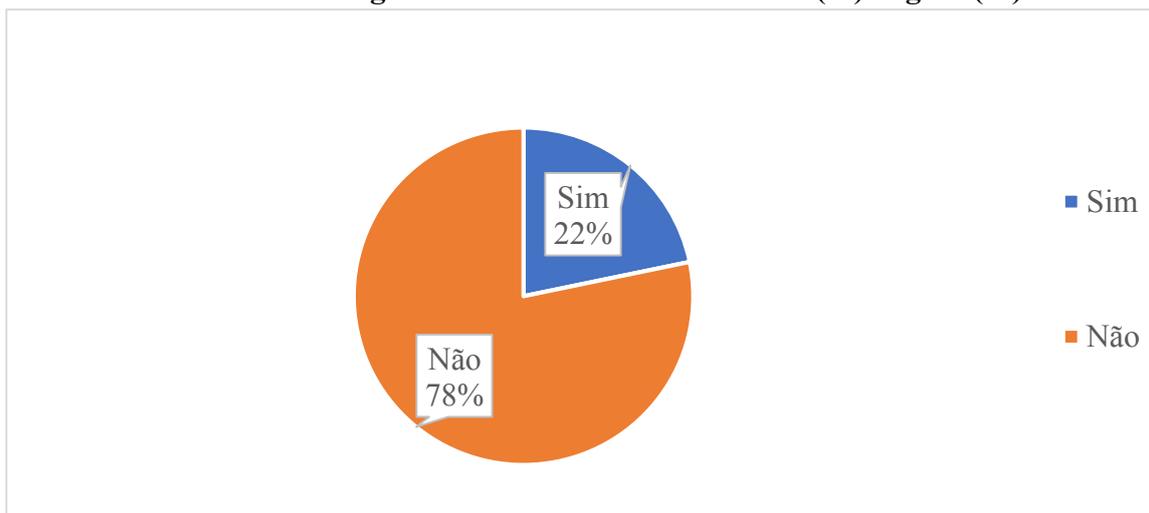
Diante desses resultados, é essencial que sejam tomadas medidas para incentivar e promover a importância da leitura entre os estudantes. É necessário conscientizá-los sobre os benefícios dessa prática e fornecer acesso a materiais interessantes e adequados às suas preferências. A leitura é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento intelectual e emocional, e é fundamental que os alunos sejam encorajados a cultivar esse hábito desde cedo.

**Gráfico 3. Com que frequência aparecem personagens negros (as) como protagonistas?**

**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

Quando perguntados com que frequência aparecem personagens negros (as) como protagonista 61% dos alunos entrevistados relataram nunca ter visto um personagem negro (a) como protagonista. E apenas um percentual de 39% relataram a aparição de um (a) personagem negro (a) como protagonista em alguma história lida por eles.

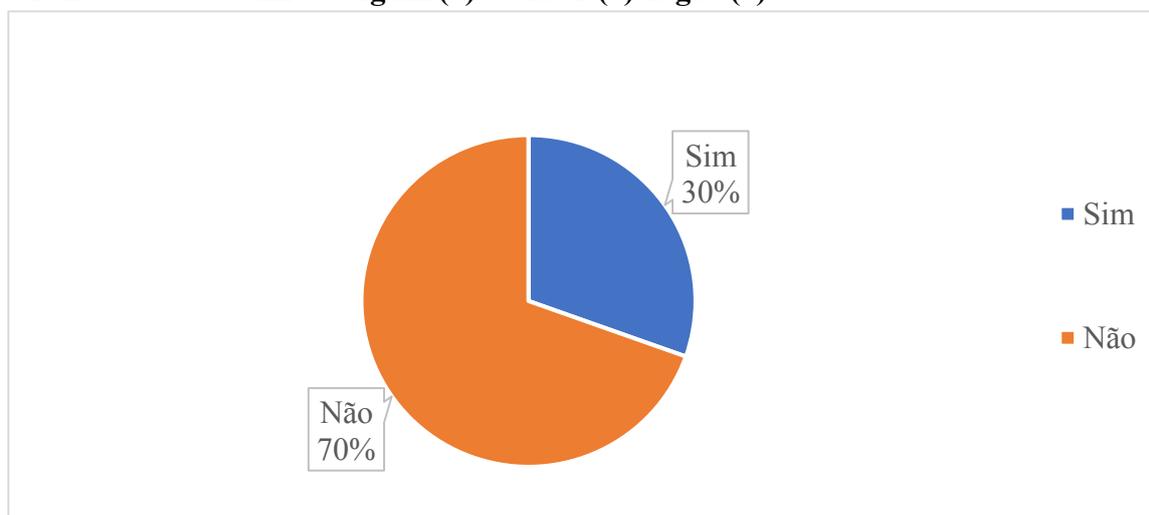
Os resultados da pesquisa são alarmantes, pois mostram que a representação de personagens negros como protagonistas ainda é escassa. Essa falta de diversidade pode contribuir para a perpetuação de estereótipos e preconceitos raciais. É essencial que as histórias e narrativas promovam a inclusão e representatividade para que todas as crianças possam se ver e se identificar nas personagens que encontram nas obras literárias. Além disso, é importante que os educadores e instituições de ensino incentivem a leitura de livros com protagonistas negros, para ampliar o repertório dos alunos e promover uma educação antirracista. Dessa forma, estaremos contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

**Gráfico 4. Você conhece algum texto literário de escritores (as) negros (as)?**

**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

O gráfico 4 apresenta dados preocupantes sobre o conhecimento dos alunos da turma do 8º ano "A" em relação a textos publicados por escritores negros. Apenas 22% dos alunos dessa turma afirmaram ter conhecimento sobre esse tipo de obra literária, enquanto a maioria dos demais alunos relatou não ter conhecimento sobre textos produzidos por escritores negros.

Essa disparidade evidencia a necessidade de promover uma maior diversidade na seleção de leituras e incentivar a inclusão de obras de autores negros no currículo escolar, a fim de ampliar o repertório literário dos estudantes e promover uma educação mais inclusiva e representativa.

**Gráfico 5. Você conhece algum (a) escritor (a) negro (a)?**

**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

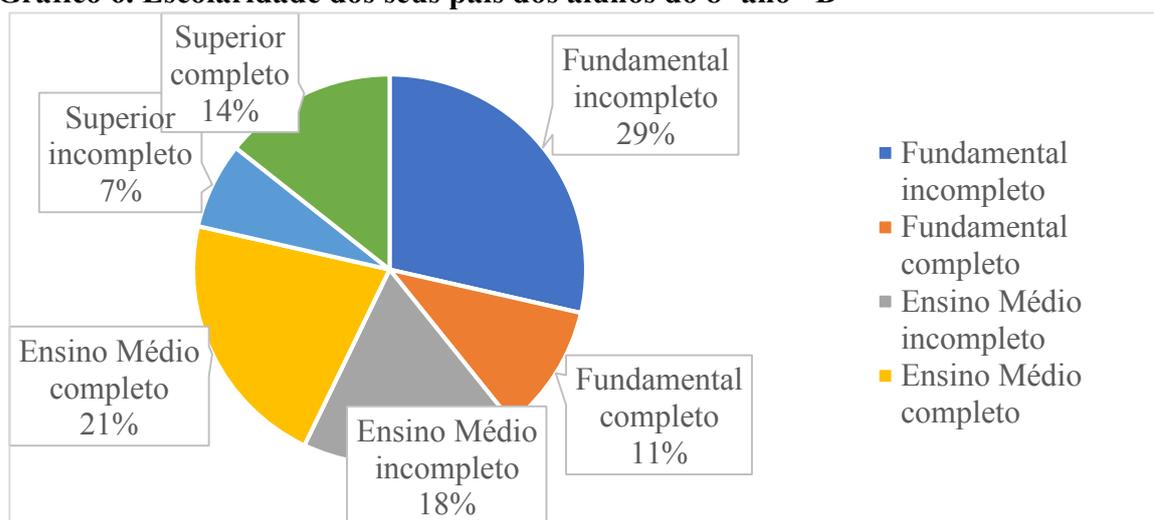
No gráfico 5, observa-se que, de acordo com os dados coletados, 70% dos alunos do 8º ano ainda não tinham conhecimento sobre escritores negros. Isso ressalta a importância de

promover uma maior divulgação e valorização da contribuição dos autores negros na literatura, a fim de ampliar o horizonte cultural dos estudantes e promover uma educação mais inclusiva e diversificada.

## 5.2 Dados da turma do 8º ano “B”

A partir desse momento será feita a análise das mesmas perguntas feitas para a turma do 8º “B” com 28 alunos.

**Gráfico 6. Escolaridade dos seus pais dos alunos do 8º ano “B”**



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

Este questionário foi aplicado na turma do 8º ano “B” que conta com 28 alunos. Nesta turma os alunos responderam da seguinte maneira a essa questão que está relacionada ao nível de escolaridade dos pais dos alunos, podendo ser observado que de um total de 28 alunos, apenas 14% dos alunos têm em sua casa os pais com alguma formação no ensino superior, 7% dos alunos têm em sua casa os pais cursando uma graduação. 21% dos alunos têm em sua casa os pais com o nível médio completo, os pais de 18% dos alunos alcançaram o ensino médio, mas acabaram abandonando os estudos por diversos fatores, 11% dos pais de alunos da turma completaram apenas o ensino fundamental e 29% acabaram desistindo ainda nos primeiros anos do Fundamental

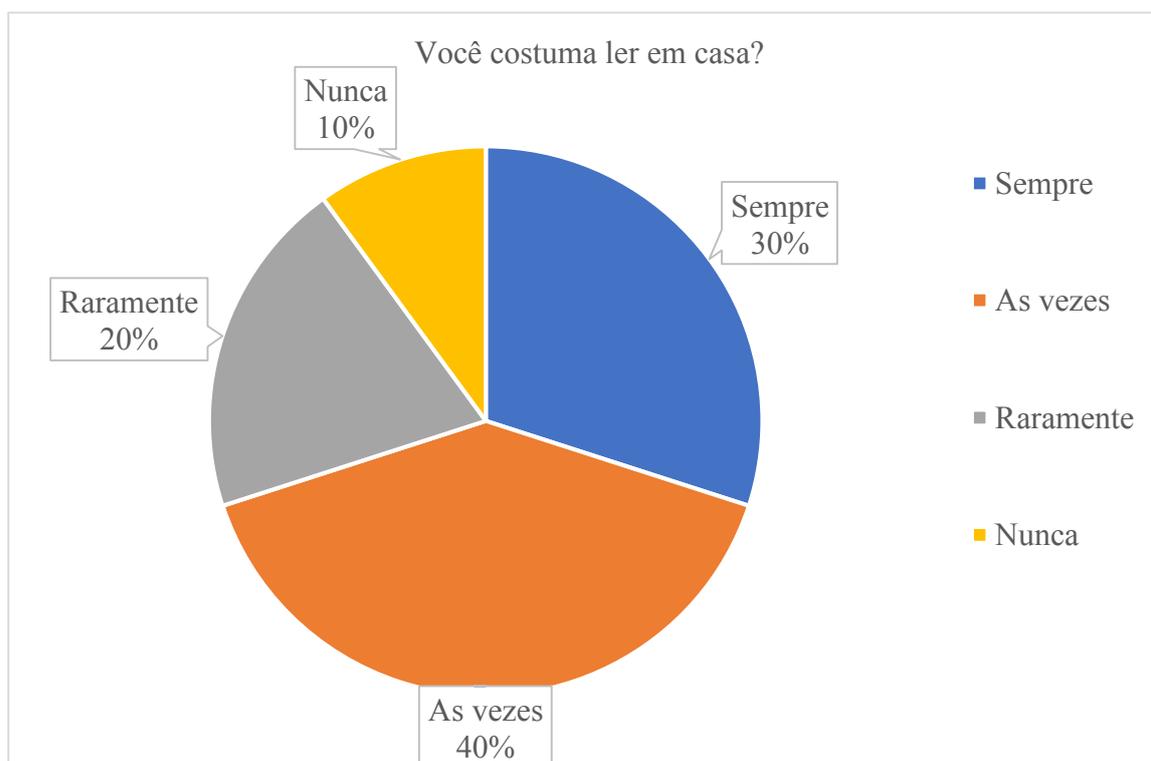
Ao comparar o gráfico 1 com o gráfico 6 sobre o nível de escolaridade dos pais dos alunos do 8º ano "A" e "B" da Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes, podemos observar que o grupo "A" possui uma porcentagem maior de pais com ensino médio completo (35% em comparação com 21% do grupo "B"), além de uma porcentagem maior de pais com ensino fundamental completo (18% em comparação com 11% do grupo "B").

Por outro lado, o grupo "B" possui uma porcentagem maior de pais com ensino fundamental incompleto (29% em comparação com 13% do grupo "A") e uma porcentagem menor de pais com ensino médio incompleto (18% em comparação com 26% do grupo "A").

Além disso, o grupo "B" tem uma porcentagem maior de pais com formação superior completa (14% em comparação com 4% do grupo "A").

Portanto, podemos concluir que o nível de escolaridade dos pais dos alunos do 8º ano "A" é mais alto em relação ao grupo "B", principalmente no que diz respeito ao ensino médio completo e ao ensino fundamental completo.

**Gráfico 7: Você costuma ler em casa?**



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

No gráfico 7 repetimos a mesma pergunta feita na turma anterior, obtivemos as respostas 9 alunos (30%) do total de alunos da turma tem o costume de ler em casa, 10 alunos (40%) responderam que somente as vezes leem em casa, 6 alunos (20%) responderam raramente eles reservam um tempo para a leitura em sua casa e 3 alunos (10%) do total de alunos da turma responderam que nunca realizam algum tipo de leitura no período que estão em casa

Ao compararmos o gráfico 2 com o gráfico 7, podemos observar algumas diferenças nas respostas dos alunos do 8º ano "A" e "B" em relação ao hábito de leitura em casa. No 8º

ano "A", 13% dos alunos afirmaram que nunca leem em casa, enquanto no 8º ano "B" esse percentual é um pouco menor, com 10% dos alunos declarando nunca lerem em casa.

Em relação aos alunos que sempre leem em casa, o 8º ano "B" apresenta um percentual maior, com 30%, comparado aos 9% do 8º ano "A". Já em relação aos alunos que raramente leem em casa, o 8º ano "A" possui um percentual maior, com 26%, enquanto no 8º ano "B" esse percentual é de 20%.

Por fim, em relação aos alunos que às vezes leem em casa, o 8º ano "A" tem um percentual de 52%, enquanto o 8º ano "B" possui um percentual de 40%.

Portanto, podemos notar que há diferenças nos hábitos de leitura entre os dois grupos de alunos.

**Gráfico 8: Com que frequência aparecem personagens negros (as) como protagonistas?**



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

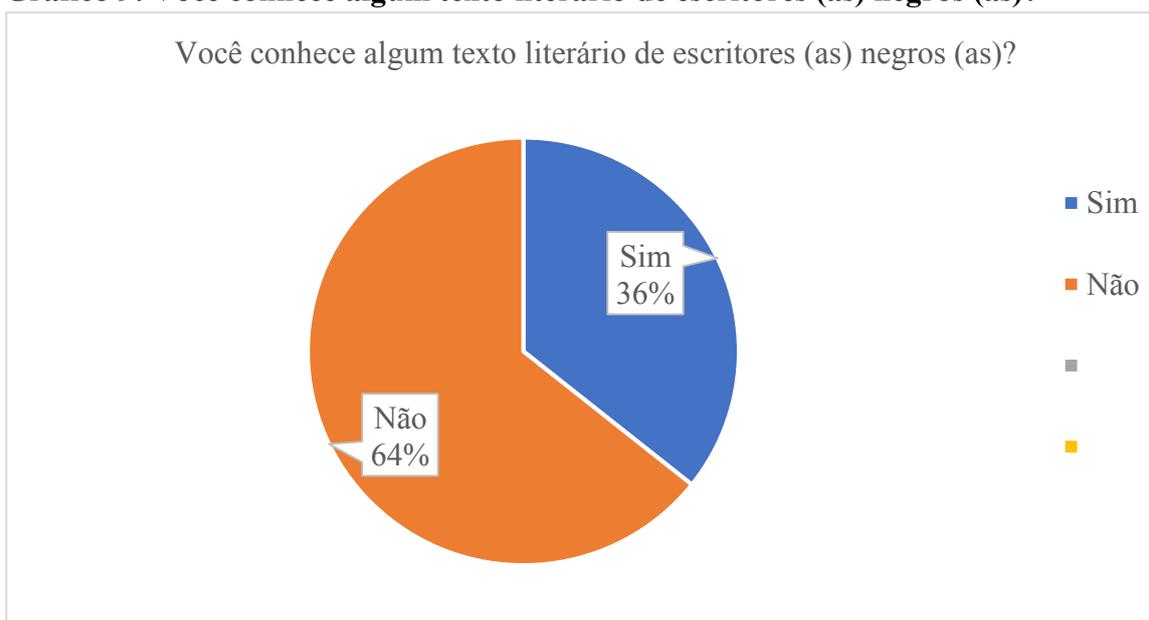
O gráfico 8 traz a resposta dos alunos da turma do 8º “B” para a questão que se refere a frequência em aparecem personagens negros (as) como protagonistas. As respostas foram: 17 alunos (61%) do total de alunos responderam que nunca conheceram um texto literário que tenha um personagem negro como protagonista, e 11 alunos (39%) do total de alunos responderam que raramente existe um personagem negro como protagonista nas histórias que eles leram, mas mencionaram alguns como por exemplo os heróis “Pantera Negra” e o “Super. Choque”.

Ao analisarmos aos gráficos 3 e 8 questionar os alunos do 8º ano "A" sobre a frequência de personagens negros (as) como protagonistas, 39% dos alunos responderam que raramente aparecem personagens negros (as) como protagonistas, enquanto 61% dos alunos responderam que nunca aparecem. Ao questionar os alunos do 8º ano "B" sobre a mesma

questão, 42% dos alunos responderam que raramente aparecem personagens negros (as) como protagonistas, e 58% dos alunos responderam que nunca aparecem.

Esses resultados indicam que, embora ambos os grupos de alunos percebam uma falta de representatividade de personagens negros (as) como protagonistas, a percepção é um pouco mais positiva no grupo do 8º ano "B", pois uma porcentagem um pouco maior mencionou que raramente esses personagens aparecem. No entanto, ainda há uma maioria significativa em ambos os grupos que acredita que personagens negros (as) nunca são protagonistas.

**Gráfico 9: Você conhece algum texto literário de escritores (as) negros (as)?**



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

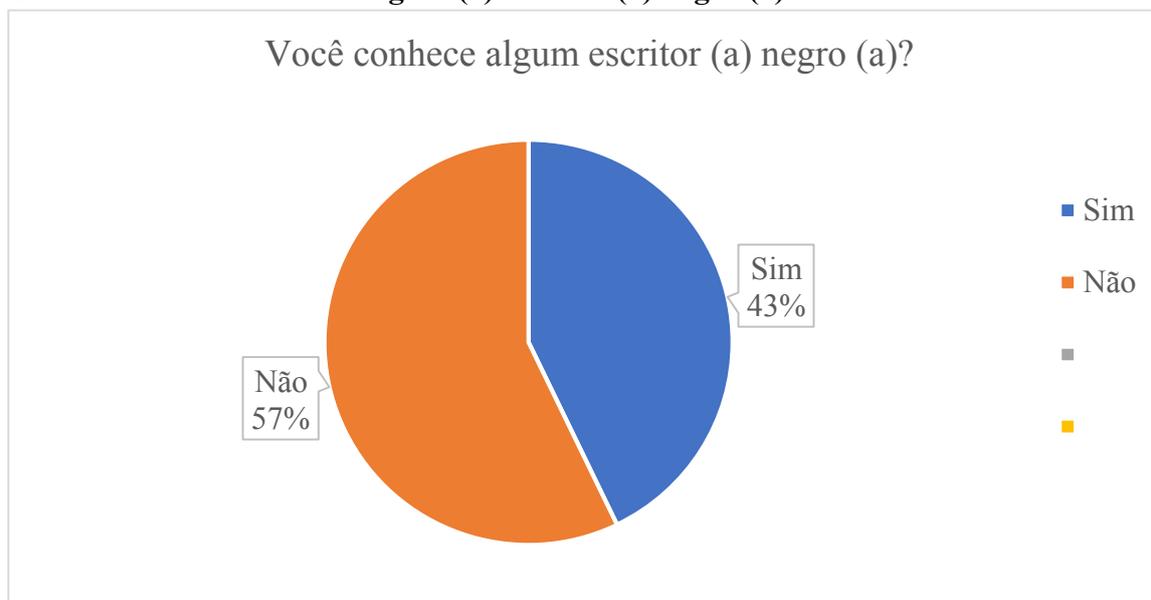
Nesse gráfico representamos as respostas dos alunos da turma do 8º ano "B" na qual questionamos se eles tiveram contato com algum gênero textual que foi produzido por um (a) escritor(a) negro(a) e obtivemos as seguintes números como respostas: 10 alunos (36%) do total de alunos da turma afirmaram ter algum tipo de contato com textos de escritores(as) negros(as), e 18 alunos (64%) do total de alunos da turma relataram que, não tem conhecimento de textos produzidos por um(a) escritor(a) negro(a).

Ao compararmos os gráficos 4 e 9, que questiona os alunos das turmas 8º ano "A" e "B" sobre o conhecimento de textos literários de escritores (as) negros (as), foi observado que 22% dos alunos da turma do 8º "A" responderam que sim, ou seja, conhecem esse tipo de texto, enquanto 78% responderam que não conhecem. Já na turma do 8º ano "B", ao questionar os alunos, verificou-se que 36% dos alunos responderam afirmativamente,

indicando que conhecem textos literários de escritores (as) negros (as), enquanto 64% responderam que não têm esse conhecimento.

Portanto, as porcentagens variam entre as duas turmas, mostrando diferenças na familiaridade dos alunos com a literatura de escritores (as) negros (as).

**Gráfico 10: Você conhece algum (a) escritor (a) negro (a)?**



**Fonte:** Acervo dos autores (2023).

Ao questionar os alunos do 8º ano "A" sobre seu conhecimento de escritores negros, foi constatado que 30% dos alunos conhecem pelo menos um escritor negro, enquanto 70% não têm esse conhecimento.

No segundo parágrafo, ao questionar os alunos do 8º ano "B", verificou-se que 43% dos alunos conhecem algum escritor negro, enquanto 57% não têm esse conhecimento.

Esses resultados revelam uma diferença nas porcentagens entre as duas turmas, indicando que os alunos do 8º ano "B" têm uma maior familiaridade com escritores negros em comparação com os alunos do 8º ano "A".

### **5.3 O que dizem os docentes da escola Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes sobre documentos vigentes da educação**

A inserção da Lei 10.939/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro brasileira nas escolas, de educação básica do país que se refere a inclusão no currículo dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, um fundamento para suprir

essa necessidade. O estudo da temática ainda é pouco conhecido pelos professores de outros componentes curriculares, até mesmo os professores de história reconhecendo que a legislação, não é o suficiente e desvalorizam a importância da aplicabilidade da Lei.

Os docentes que escolhemos para a entrevista chegam a mencionar que, por falta de formações continuadas e por não receber nenhum suporte da escola para trabalhar a temática.

“Eu não tenho conhecimento da Lei 10.639/03 que torna obrigatório o estudo dessa disciplina, Literatura afro brasileiro”, porem acredito que ela seja trabalhada de forma transversal, além disso ainda não temos formação voltada para esses conteúdos (Prof. JNT).

É preciso que os professores se atualizem e busquem conhecimentos a respeito da Lei e sobre essas temáticas. Sendo assim, é necessário aprofundar os estudos sobre a História e Cultura Afro-brasileira, evitando abordagens superficiais. Os estudos culturais e literários relacionados à temática afro-brasileira devem ser incorporados de maneira mais incisiva nas disciplinas, como forma de garantir uma educação mais inclusiva, que valorize e respeite a diversidade étnico-racial.

Eu ainda não estou implementando de forma completa a educação em relações étnico-raciais, pois os livros utilizados não abordam esse tema. Além disso, não estou utilizando de forma integral. No entanto, por meio do trabalho interdisciplinar, eu procuro abordar a história e cultura afro-brasileira como um tema transversal, já que não temos uma disciplina específica. Cada professor é responsável por desenvolver trabalhos parciais que abordem essa temática." (Prof).

É preocupante constatar que a implementação dos estudos sobre a História e Cultura Afro-brasileira ainda é insuficiente devido à falta de livros que abordem o tema e à abordagem parcial dos professores. É necessário promover um trabalho interdisciplinar e transversal, envolvendo todos os docentes, a fim de garantir uma educação mais inclusiva e abrangente.

Os conteúdos adotados na escola buscam abordar questões sociais, como o racismo e os diversos tipos de preconceito presentes nas ações realizadas dentro da escola. Embora os livros didáticos tratem da Cultura Afro-brasileira em textos e poesias, ainda não temos resultados concretos devido à falta de livros didáticos para todas as turmas. (PROF).

Dessa forma, é importante que os livros didáticos, professores e escolas ampliem e diversifiquem os conteúdos relacionados à literatura afro-brasileira, para promover o conhecimento e a apreciação dessa importante vertente da cultura brasileira. Além disso, é necessário que os educadores sejam capacitados para abordar esses temas de forma adequada

e sensível, para cada faixa etária estimulando o debate e o respeito à diversidade cultural. É essencial que as instituições de ensino se comprometam em adotar uma abordagem inclusiva e diversificada nos seus conteúdos e práticas educativas, garantindo assim uma educação de qualidade e mais igualitária.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a literatura afro-brasileira pode ser uma estratégia relevante para atrair leitores não apenas de obras afro-brasileiras, mas também para despertar o interesse dos leitores em relação ao mundo social em que vivemos.

Durante as entrevistas, questionou-se a relevância da literatura afro-brasileira no auxílio à compreensão e análise do cotidiano na comunidade em que os alunos estão inseridos. O objetivo era promover a desconstrução de ideias racistas e tornar palpável a ressignificação da identidade negra, especialmente na escola pública.

A aplicação adequada da Lei Nº. 10.639/03 e do Parecer CNE/CP 03/2004 incentiva o conhecimento das dimensões históricas e dos valores civilizatórios do Continente Africano. Isso promove um debate qualificado sobre diversidade étnico-racial na educação. É fundamental que as escolas não formem mais cidadãos culturalmente limitados, pois essa limitação contribui para a manutenção do preconceito e da discriminação racial.

No entanto, constatou-se que nem todos os professores possuíam conhecimento sobre a Lei mencionada, porém sua aplicação não está sendo realizada de forma adequada. Esse problema é atribuído à ausência de uma formação continuada para os professores, com o objetivo de trabalhar a Lei de forma transversal no currículo escolar. É necessário investir nessa formação para garantir a efetiva implementação da Lei 10.639/03.

Apesar da falta de entusiasmo inicial, perseverarmos e conseguimos implementar a proposta pedagógica de forma eficiente. Mesmo diante da relutância dos alunos, eles se empenharam em transmitir os conteúdos e despertar o interesse pela leitura do conto. Essa abordagem pedagógica bem-sucedida resultou em uma experiência enriquecedora para as turmas. Os alunos puderam adquirir novos conhecimentos, ampliar sua compreensão sobre o conto e desenvolver habilidades de leitura e interpretação.

É essencial valorizar e esforçar-se em adaptar-se às necessidades e interesses dos alunos, tornando o processo de aprendizagem mais envolvente e significativo. Mesmo diante de desafios, é importante persistir e buscar estratégias que estimulem a participação e o interesse dos estudantes.

Em suma, apesar do inicial desinteresse pelas atividades de leitura do conto, a proposta pedagógica foi aplicada com sucesso, resultando na transmissão de conhecimentos importantes para as turmas. Este é um exemplo inspirador de como a dedicação dos educadores pode impactar positivamente a aprendizagem dos alunos.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 outubro. 2003.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 20 agosto de 2023.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Brasília, DF: MEC/SEF, 2000.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da república. **Educação em direitos humanos: diretrizes nacionais.** Brasília: SDH/PR, 2013. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=32131educação-dh-diretrizesnacionais-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32131educação-dh-diretrizesnacionais-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 15 de setembro de 2023.

AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino, JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. **A Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica.** R. Mest. Hist., Vassouras, v. 12, n. 1, p. 7184, Jan.jun.2010.

BRASIL, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC-SECAD), 2005.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC-SECADSEPPPIR, 2004.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana.** Brasília/DF: Secretaria Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB Nº 9.394/96.** Ministério da Educação-MEC. Brasília, 1996. BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Documento MEC. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download &alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download &alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado) - em. 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB Nº 9.394/96**. Ministério da Educação-MEC. Brasília, 1996.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

BRASIL. Parecer CNE/CP 003/2004. Disponível em [http://www.espacoacademico.com.br/040/40pc\\_diretriz.htm](http://www.espacoacademico.com.br/040/40pc_diretriz.htm). Acesso em 10 de novembro de 2023.

BRASIL. Lei Federal n. 10.639, 9 de janeiro de 2003. Brasília: DOU, 10 jan. 2003. Disponível em <http://www.senado.gov.br/legislacao/>>: Acesso em 9 de novembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394, de 20/12/1996). Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/Lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/Lei9394_ldbn1.pdf)>. Acesso em: 17 de novembro de 2023.

BRASIL./CP003/2004.Disponível.em:[http://www.espacoacademico.com.br/040/40pc\\_diretrizhtm](http://www.espacoacademico.com.br/040/40pc_diretrizhtm). Acesso em 10 de novembro de 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Ministério da Educação. Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo. Selo Negro. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5737855/mod\\_resource/content/1/LITERATURA%20](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5737855/mod_resource/content/1/LITERATURA%20)

[ONEGROBRASILEIRA/Literatura%20Negro%20brasileira%201%C2%AA%20parte.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5737855/mod_resource/content/1/LITERATURA%20NEGROBRASILEIRA/Literatura%20Negro%20brasileira%201%C2%AA%20parte.pdf).

Acesso em: 19 de outubro de 2023.

FERNANDES, José Riccardo Oría. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades**. In. Cadernos Cedes. **Ensino de História: novos horizontes**. Campinas, vol.25, N. 67, set. /Des.2005.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: paz e terra, 2004.

Indígena nos Currículos da Educação Básica. **R. Mest. Hist.**, Vassouras, v. 12, n. 1, p. 71-84, Jan.jun.2010.

**LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

**Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 outubro. 2003.

**Lei nº 581,** de 4 de setembro de 1850. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo.** 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MACEDO, Tania. **O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil:** algumas questões. In: SECCO, Carmen T. SALGADO, Maria T. Jorge, Silvio R. África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010. p.277-284.

MALHOTRA. et al., **Introdução a pesquisa de marketing.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ª ed. São Paulo: Atlas. 2008.

MATTOS, Hebe. ABREU, Marta .DANTAS, Carolina. Vianna. (Org.) . **O Negro no Brasil.** Trajetórias e lutas em dez aulas de história. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. v. 1. 166p. MEC. **Orientações e Ações para a educação das relações étnico-raciais.** Brasília: secad, 2007.

MENEZES, L.C. **O preconceito está entre nós.** Revista Nova Escola. Fundação Vitor Civita. São Paulo: Ed. Abril, out, 2008.

REIS, M. F. dos. **Úrsula. A Escrava.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

RIBEIRO, Giselle Rodrigues; MENEGASSI, Renilson José. **O negro e sua representação no livro didático de língua materna.** Revista Travessias – Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Arte. Volume 2, Nº 1, 2008. Disponível em: acesso em 14/10/2022.

FILHO, Guimes Rodrigues; OLIVEIRA, Cristiane Coppe de; NASCIMENTO, João Gabriel do. **Formação inicial, história e cultura africana e afro-brasileira:** desafios e perspectivas na implementação da Lei federal 10.639/2003 / 1. Edição -- Uberlândia, MG: Editora Gráfica Lops, 2012. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

SALLES, L. M. F., & Silva, J. M. A. P. E. (2008). Diferenças, **preconceitos e violência no âmbito escolar:** algumas reflexões. Cadernos de Educação, 1(30), 149-166.

SANTOS, Regina, Rodrigues, dos; CARVALHO, Jeisel, Raimundo, Nonato, Pires. **As práticas curriculares na dimensão escolar: os desafios cotidianos da contextualização social do conhecimento**. 1º Ed. São Luís Eduema, 2015.

SILVA, Paulo. V.B. **Racismo em livros didáticos na escola**: estudo sobre negros brancos em livros de língua portuguesa [WWW.anped.org.br/reuniões/29ra/trabalhosGT21-acessado/](http://WWW.anped.org.br/reuniões/29ra/trabalhosGT21-acessado/) set. 2013.

SOUZA, Ana Lúcia Silva [et al]. **De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.

## **ANEXOS**

## A escrava

### Maria Firmina dos Reis

Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil.

O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão.

– Admira-me, disse uma senhora, de sentimentos sinceramente abolicionistas; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa, e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

Para que se deu em sacrificio, o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro atento? Ah! Então não era verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade.... Não verdes que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. Em balde procurará um dentro nós convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...

E depois, o caráter que nos imprime, e nos envergonha!

O escravo é olhado por todos como vítima – e o é.

O senhor, que papel representa na opinião social?

O senhor é o verdugo – e esta qualificação é hedionda.

Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se me deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima.

E ela começou:

– Era uma tarde de agosto, bela com um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica, e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso.

Eu cismava embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras, que se curvavam gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa.

E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o ocaso em rápida carreira.

Não sei que sensações desconhecidas me agitavam, não sei!... Mas sentia-me com disposições para o pranto.

De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu.

Segui-a com a vista. Ela espavorida, e trêmula, deu volta em torno de uma grande moita de murta, e colando-se no chão nela se ocultou.

Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo no lugar que a vi ocultar-se.

Ela muda, e imóvel, ali quedou-se.

Eu então a mim mesma, interroguei: Quem será a desditosa?

Ia procurá-la – coitada! Uma palavra de animação, um socorro, algum serviço, lembreime, poderia prestar-lhe. Ergui-me.

Mas no momento mesmo em que este pensamento, que acode a todo homem em idênticas circunstâncias, se me despertava, um homem apareceu no extremo oposto do caminho.

Era tu de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados. Fisionomia sinistra era a desse homem, que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho.

– Inferno! Maldição! Bradava ele, com voz rouca. Onde estará ela? E perscrutava com a vista por entre os arvoredos desiguais que desfilavam à margem da estrada.

– Tu me pagarás – resmungava ele. E aproximando-se de mim:

Não viu, minha senhora, interrogou com acento, cuja dureza procurava reprimir –, não viu por aqui passar uma negra, que me fugiu das mãos ainda há pouco? Uma negra que se finge douda... tenho as calças rotas de correr atrás dela por estas brenhas, já não tenho fôlego. Aquele homem de aspecto feroz era o algoz daquela pobre vítima, compreendi com horror. De pronto tive um expediente. – Vi-a, tornei-lhe com a naturalidade que o caso exigia; – via, e ela também me viu, corria em direção a este lugar; mas parecendo intimidar-se com a minha presença, tomou direção oposta, volvendo-se repentinamente sobre seus passos. Por fim a vi desaparecer, internando-se na espessura, muito além da senda que ali se abre.

E dizendo isto indiquei-lhe com um aceno a senda que ficava a mais de cem passos de distância, aquém do morro em que me achava.

Minhas palavras inexatas, o ardil de que me servi, visavam a fazê-lo retroceder: logrei o meu intento.

Franziu o sobrolho, e sua fisionomia traiu a cólera que o assaltou. Mordeu os beiços e rugiu:

– Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos, pelos matos a procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te; mas, deixa estar, eu te juro, será esta derradeira vez que me incomodas. No tronco... no tronco: e de lá foge!

Então, perguntei-lhe, aparentando o mais profundo indiferentismo, pela sorte da desgraçada, – foge sempre?

– Sempre, minha senhora. Ao menor descuido foge. Quer fazer acreditar que é douda.

– Douda! Exclamei involuntariamente, e com acento que traía os meus sentimentos.

Mas o homem do azorrague não pareceu reparar nisso, e continuou:

– Douda... douda fingida, caro te há de custar.

Acreditei-o o senhor daquela mísera; mas empenhada em vê-lo desaparecer daquele lugar, disse-lhe:

– A noite se avizinha, e se a deixa ir mais longe, difícil lhe será encontrá-la.

– Tem razão, minha senhora; eu parto imediatamente, e cumprimentando-me rudemente, retrocedeu correndo a mesma estrada que lhe tinha maliciosamente indicado. Exalei um suspiro de alívio, ao vê-lo desaparecer na dobra do caminho.

O sol de todo sumia-se na orla cinzenta do horizonte, o vento paralisado não agitava as franças dos anosos arvoredos, só o mar gemia ao longe da costa, semelhando o arquejar monótono de um agonizante.

Ergui ao céu um voto de gratidão; e lembrei-me que era tempo de procurar minha desditosa protegida.

Ergui-me cônica de que ninguém me observava, e acercava-me já da moita de murta, quando um homem rompendo a espessura, apareceu ofegante, trêmulo e desvairado. Confesso que semelhante aparição causou-me um terror imenso. Lembrei-me dos criados, que eu tinha convocado a essa hora naquele lugar, e que ainda não chegavam. Tive medo.

Parei! Instantaneamente, e fixei-o. Apesar do terror que me havia inspirado, fixei-o resolutamente.

De repente serenou o meu terror; olhei-o, e do medo, passei à consideração, ao interesse. Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora lânguidos pela comoção de angústia que se lhe pintava na frente, ora deferindo luz errante, e trêmula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante.

No fundo do coração daquele pobre rapaz, devia haver rasgos de amor, e generosidade.

Cruzamos, ele, e eu as vistas e ambos recuamos espavoridas. Eu, pelo aspecto comovente, e triste daquele infeliz, tão deserdado da sorte; ele, por que seria?

Isto teve a duração de um segundo apenas: recobrei o ânimo em presença de tanta miséria, e tanta humilhação, e este ânimo procurei de pronto transmitir-lhe.

Longe de lhe ser hostil, o pobre negro compreendeu que eu ia talvez minorar o rigor de sua sorte; parou instantaneamente, cruzou as mãos no peito, e com voz súplice, murmurou algumas palavras que eu não pude entender.

Aquela atitude comovedora, despertou-me compaixão; apesar do medo que nos causa a presença de um calhambola, aproximei-me dele, e com voz, que vem compreendeu ser protetora e amiga, disse-lhe: – Quem és, filho? O que procuras?

– Ah! Minha senhora, exclamou erguendo os olhos aos céu, eu procuro minha mãe, que correu nesta direção, fugindo ao cruel feitor, que a perseguia. Eu também agora sou um fugido: porque há uma hora deixei o serviço para procurar minha pobre mãe, que além de douda está quase a morrer. Não sei se ele a encontrou; e o que será dela. Ah! Minha mãe! É preciso que eu corra, a ver se acho antes que o feitor a encontre. Aquele homem é um tigre, minha senhora, –uma fera.

Ouvia-o, sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo.

– Amanhã, continuou ele, hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dandolhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele?

– Escuta, lhe tornei então, tua mãe está salva, salvou-a o acaso; e o feitor está agora bem longe daqui.

– Ah! Minha senhora, onde, onde está a minha mãe e quem a salvou?

– Segue-me, disse eu – tua mãe está ali – e aponte para a moita onde se refugiara.

– Minha mãe, sem receio de ser ouvido, exclamou o filho: minha mãe!...

Com efeito, ali com a fronte reclinada sobre um tronco decepado; e o corpo distendido no chão, dormia um sono agitado a infeliz foragida.

– Minha mãe, gritou-lhe ao ouvido curvando os joelhos em terra, tomando-a nos seus braços.

Minha mãe... sou Gabriel...

A esta exclamação de pungente angústia, a mísera pareceu despertar.

Olhou-o fixamente; mas não articulou um som.

– Ah! redarguiu Gabriel, ah! Minha senhora! Minha mãe morre!

Concheguei-me àquele grupo interessante a fim de prestar-lhe algum serviço. Com efeito, era tempo. Ela era presa dum ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro.

– Não, ela não morre deste ataque; mas é preciso prestar-lhe pronto socorro, disse-lhe.

– Diga, minha senhora, tomou o rapaz na mais pungente ansiedade, que devo fazer?

Volte eu embora à fazenda, seja castigado com rigor; mas não quero, não posso ver minha mãe morrer aqui, sem socorro algum.

– Sossega, disse-lhe, vendo assomar ao morro, donde observavam tudo que acabo de narrar, os meus criados, que me procuravam; – espera, disse-lhe:

– Vou fazer transportar tua mãe, à minha casa, e lhe farei tornar à vida.

– Diga, minha senhora, ordene.

– Não moro presentemente longe daqui. Sabes a distância que vai daqui à praia? Estou nos banhos salgados.

– Sei, sim, senhora, é muito perto. Que devo então fazer?

– Tu, e estes homens – os criados acabavam de chegar – vão transportá-la imediatamente à minha morada, e lá procurarei reanimá-la.

– Oh! Minha senhora, que bondade! Foi só o que disse, e, ato contínuo, tomou nos braços a pobre mãe, ainda entregue ao seu dorido paroxismo, e disse:

– Minha senhora, eu só levaria minha mãe ao fim do mundo.

Senti-me tocada de veneração em presença daquele amor filial, tão singelamente manifestado.  
– Sigamos então – tornei eu.

Gabriel caminhava tão apressadamente que eu mal podia acompanhá-lo.

Em menos de quinze minutos transpúnhamos o umbral da casinha, que há dois dias apenas eu habitava.

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: – recebia em meu lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes.

Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco.

Mas, deixar de prestar auxílio àqueles desgraçados, tão abandonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade, tinham sossego, ou tranquilidade! Não.

Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever.

Fiz deitar a moribunda em uma cama, fiz abrir as portas todas para que a ventilação se fizesse livre e boa, e prestei-lhe os serviços que o casourgia, e com tanta vantagem, que em pouco recuperou os sentidos.

Olhou em tomo de si, como que espantada do que via, e tomou a fechar os olhos.

Minha mãe!... minha mãe, de novo exclamou o filho.

Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou:

– Carlos!... Urbano...

– Não, minha mãe, sou Gabriel.

– Gabriel, tornou ela, com voz estridente. É noite, e eles para onde foram?

– De quem fala ela? Interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

– É douda, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que, meu senhor, vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoudeceu.

– Horror! Exclamei com indignação, e dor. Pobre mãe!

– Só lhe resto eu, continuou soluçando – só eu... só eu!... Entretanto a enferma pouco a pouco recobrava as forças, a vida, e a razão. Fenômenos da morte, por assim dizer: é luta imponente embora, da natureza, com o extermínio.

– Gabriel? Gabriel - és tu?

– É noite. Eu morro... E o serviço? E o feitor?

– Estás em segurança, pobre mulher, disse-lhe, – tu, e teu filho estão sob a minha proteção. Descansa, aqui ninguém lhes tocará com um dedo.

Como não devem ignorar, eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província, e da do Rio de Janeiro. Expedi de pronto um próprio à capital.

Então ela fixou-me, e em seus olhos brilhou lucidez, esperança e gratidão.

Sorriu-se e murmurou.

– Inda há neste mundo quem se compadeça de um escravo?

– Há muita alma compassiva, retorqui-lhe, que se condói do sofrimento de seu irmão.

Naquela hora quase suprema, a infeliz exclamou com voz distinta:

– Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano...

Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... Meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... este que também é escravo!...

E os soluços da mãe, confundiram-se por muito tempo, com os soluços do filho.

Era uma cena tocante, e lastimosa, que despedaçava o coração.

Ah! Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata!

Cheguei-lhe aos lábios o calmante, que a ia sustendo, e ordenei a Gabriel fosse tomar algum alimento. Era preciso separá-los.

– Quem é vossemecê, minha senhora, que tão boa é pra mim, e para meu filho? Nunca encontrei em vida um branco que se compadecesse de mim; creio que Deus me perdoa os meus pecados, e que já começo a ver seus anjos.

– E quem é esse senhor tão mau, esse senhor que te mata?

– Então, minha senhora, não conhece o senhor Tavares, do Cajuí?

– Não, tomei-lhe com convicção: estou aqui apenas há dois dias, tudo me é estranho: não o conheço. É bom que colha algumas informações dele: Gabriel mas dará.

– Gabriel! Disse ela – não. Eu mesma. Ainda posso falar. E começou:

– Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.

Eram casados e desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente à minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas; mas ainda assim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício.

Um dia apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se – tinha eu cinco anos – e disse: A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansado.

Custou a ir à cidade; quando foi demorou-se algumas semanas, e quando chegou entregou a meu pai uma folha de papel escrita, dizendo-lhe:

– Toma, e guarda, com cuidado, é a carta de liberdade de Joana. Meu pai não sabia ler; de agradecido beijou as mãos daquela fera. Abraçou-me, chorou de alegria, e guardou a suposta carta de liberdade.

Então furtivamente eu comecei a aprender a ler, com um escravo mulato, e a viver com alguma liberdade.

Isso durou dois anos. Meu pai morreu de repente, e no dia imediato meu senhor disse a minha mãe:

– Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia. Minha mãe, surpresa, e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra.

Nunca a meu pai passou pela ideia, que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas, minha mãe, à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler, àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando.

Sobreveio-lhe febre ardente, delírios, e três dias depois estava com Deus.

Fiquei só no mundo, entregue ao rigor do cativo.

Aqui ela interrompeu-se; agitou-lhe os membros um tremor convulso. A morte fazia os seus progressos. De novo cheguei-lhe aos lábios a colher do calmante, que lhe aplicava, e pedi-lhe, não revocasse lembranças dolorosas que a podiam matar.

– Ah! Minha senhora, começou de novo, mais reanimada – apadrinhe Gabriel, meu filho, ou esconda-o no fundo da terra; – olhe se ele for preso, morrerá debaixo do açoite, como tantos outros, que, meu senhor, tem feito expirar debaixo do azorrague! Meu filho acabará assim.

– Não, não há de acabar assim, – descansa. Teu filho está sob minha proteção, e qualquer que seja a atitude que possa assumir esse homem, que é teu senhor, Gabriel não voltará mais ao seu poder.

Ela recolheu-se por algum tempo, depois tomando-me as mãos, beijou-as com reconhecimento. – Ah! Se pudesse, nesta hora extrema ver meus pobres filhos, Carlos e Urbano!... Nunca mais os verei!

Tinham oito anos.

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos – era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente.

Esse homem trocou ligeiras palavras com meu senhor, e saiu.

Eu tinha o coração oprimido pressentia uma nova desgraça.

A hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante... corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo durou este estado de torpor; acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me: mamãe! Mamãe!

Ah! Minha senhora! Abriu os olhos. Que espetáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado, meu senhor, o feitor, e o infame traficante.

Ele, e o feitor arrastavam sem coração, os filhos que se abraçavam a sua mãe.

Gabriel entrava nesse momento. Basta, minha mãe, disse-lhe, vendo em seu rosto debuxados todos os sintomas de uma morte próxima.

– Deixa concluir, meu filho, antes que a morte me cerre os lábios para sempre... deixam e morrer amaldiçoando os meus carrascos.

– Por Deus, por Deus, gritei eu, tornando a mim, por Deus, levem-me com meus filhos!

– Cala-te! Gritou, meu feroz senhor. – Cala-te ou te farei calar.

– Por Deus, tornei eu de joelhos, e tomando as mãos do cruel traficante: – meus filhos!... Meus filhos!

Mas ele dando um mais forte empuxão, e ameaçando-os com o chicote, que empunhava, entregou-os a alguém que os devia levar...

Aqui a mísera calou-se; eu respeitei o seu silêncio que era doloroso, quando lhe ouvi um arranco profundo, e magoado:

Curvei-me sobre ela. Gabriel ajoelhou-se, e juntos exclamamos: – Morta! Com efeito tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para suas débeis forças. A lua percorria melancólica e solitária os paramos do céu, e cortava com uma fita de prata as vagas do oceano.

No mesmo instante, um homem assomou à porta. Era o homem do azorrague que eles intitulavam de feitor; era aquele homem de fisionomia sinistra e terrível, que me interpelara algumas horas antes, acerca da infeliz foragida; e este homem aparecia agora mais hediondo ainda, seguido de dois negros, que, como ele, pararam à porta.

– Que pretende o senhor? Perguntei-lhe. Pode entrar.

O pobre Gabriel refugiou-se trêmulo, ao canto mais escuro da casa.

– Anda, Gabriel, disse-lhe com voz segura, continua a tua obra, e voltando-me para o feitor, acrescentei:

Eu, e este desolado filho, ocupamo-nos em cerrar os olhos à infeliz, a quem o cativo, e o martírio despenharam tão depressa na sepultura.

Comovidos em presença da morte, os dois escravos deixaram pender a fronte no peito; o próprio feitor, ao primeiro ímpeto, teve um impulso de homem: mas, recompondo de pronto na rude, e feroz fisionomia, disse-me:

– É hoje a segunda vez que a encontro, minha senhora, entretanto, não sei ainda a quem falo. Peço-lhe que me diga o seu nome, para que eu conheça o patrão, o senhor Tavares. É escandalosa, minha senhora, a proteção que dá a estes escravos fugidos. Estas palavras inconvenientes mereceram o meu desdém; não lhe retorqui.

O meu silêncio lhe deu maior coragem, e, fazendo-se insolente, continuou:

– A senhora coadjuvou a mãe em sua fuga; acabou aqui, mais tarde saberemos de quê.

Pretenderá também coadjuvar o filho?

É já o que havemos de ver!...

João, Félix! E com um aceno indicou-lhes o que deviam fazer.

Gabriel, que ao meu chamado voltara para junto do cadáver de sua mãe, sentindo que o vinham prender, levantou-se espavorido, sem saber o que fazer.

– Detém-te! Lhe gritei eu. Estás sob a minha imediata proteção; e voltando-me para o homem do azorrague, disse-lhe:

– Insolente! Nem mais uma palavra. Vai-te, diz a teu amo, – miserável instrumento de um escravocrata; diz a ele que uma senhora recebeu em sua casa uma mísera escrava, louca porque lhe arrancaram dos braços dois filhos menores, e os venderam para o Sul; uma escrava moribunda; mas ainda assim perseguida por seus implacáveis algozes.

Vai-te, e entrega-lhe este cartão: aí achará o meu nome.

Vai, e que nunca mais nos tornemos a ver.

Ele mordeu os beiços para tragar o insulto, e desapareceu.

No dia seguinte, era já de tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz Joana, quando à porta da minha casinha, vi apear-se um homem. Era o senhor Tavares.

Cumprimentou-me com maneiras da alta sociedade, e disse-me:

– Desculpe-me, querida senhora, se me apresento em sua casa, tão brusca e desazadamente; entretanto...

– Sem cerimônia, senhor, disse-lhe, procurando abreviar aqueles cumprimentos que me incomodavam. Sei o motivo que aqui o trouxe, e podemos, se quiser encetar já o assunto.

Custava-me, confesso, estar por longo tempo em comunicação com aquele homem, que encarava sua vítima, sem consciência, sem horror. – Peço-lhe mil desculpas, se a vim incomodar.

– Pelo contrário, retorqui-lhe. O senhor poupou-me o trabalho de o ir procurar.

– Sei que esta negra está morta, exclamou ele, e o filho acha-se aqui: tudo isto teve a bondade de comunicar-me ontem. Esta negra, continuou olhando fixamente para o cadáver – esta negra era alguma coisa monomaníaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava. O Antônio, meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava em procurá-la. Porém, minha senhora, este negro! – Designava o pobre Gabriel, com este negro a coisa muda de figura: minha querida senhora, este negro está fugido: espero, mo entregará, pois sou o seu legítimo senhor, e quero corrigi-lo.

– Pelo amor de Deus, minha mãe, gritou Gabriel, completamente desorientado – minha mãe, leva-me contigo.

– Tranquiliza-te, lhe tornei com calma; não te hei já dito que te achas sob a minha proteção? Não tem confiança em mim?

Aqui o senhor Tavares encarou-me estupefato – e depois perguntou-me:

– Que significam essas palavras, minha querida senhora? Não a compreendo.

– Vai compreender-me, retorqui, apresentando-lhe um volume de papéis subscritos e competentemente selados.

Rasgou o subscrito, e leu-os. Nunca em sua vida tinha sofrido tão extraordinária contrariedade.

– Sim, minha cara senhora, redarguiu, terminando a leitura; o direito de propriedade, conferido outrora por lei a nossos avós, hoje nada mais é que uma burla...

A lei retrogradou, hoje protege-se escandalosamente o escravo, contra seu senhor; hoje qualquer indivíduo diz a um juiz de órfãos.

Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano – haja ou não aprovação do seu senhor.

Não acham isto interessante?

– Desculpe-me, senhor Tavares, disse-lhe:

Em conclusão, apresento-lhe um cadáver e um homem livre.

Gabriel ergue a fronte, Gabriel és livre!

O senhor Tavares, cumprimentou, e retrocedeu no seu feroso alazão, sem dúvida alguma mais furioso que um tigre.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### Fachada da Unidade Integrada Professor Galeno Edgar Brandes

Fonte: Fotografia dos autores



## APÊNDICE B

### Apresentação do projeto para a coordenadora Samira

Fonte: Fotografia dos Autores



### APÊNDICE C Visita a turma do 8º ano “A”

Fonte: Fotografia dos Autores



### APÊNDICE D Visita a turma do 8º ano “B”

Fonte: Fotografia dos Autores



**APÊNDICE E**  
**Acadêmica Cintia Naiara apresentando a lei 10639/03**  
Fonte: Fotografia dos Autores



**APÊNDICE F**  
**Apresentação do conto “A Escrava”**  
Fonte: Fotografia dos Autores



**APÊNDICE G**  
**Acadêmica Cintia Naiara comentando sobre o conto “A Escrava”**  
Fonte: Fotografia dos Autores



**APÊNDICE H**  
**Visita da coordenadora Samira ao projeto**  
Fonte: Fotografia dos Autores



**APÊNDICE I****Aluna fazendo a leitura do conto “A Escrava”**

Fonte: Fotografia dos Autores

**APÊNDICE J****Aluna fazendo a leitura do conto “A Escrava”**

Fonte: Fotografia dos Autores



**APÊNDICE K**  
**Aluno recebendo ajuda da professora**  
Fonte: Fotografia dos Autores



**APÊNDICE L**  
**Culminância do projeto**  
Fonte: Fotografia dos Autores



**APÊNDICE M**  
**Questionário para os alunos**  
Fonte: Acervo dos Autores

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Ano:** \_\_\_\_\_ **Turno:** \_\_\_\_\_

1. Escolaridade dos pais:
  - fundamental incompleto
  - Fundamental completo
  - Ensino médio incompleto
  - Ensino médio completo
  - Superior incompleto
  - Superior completo
2. Você costuma ler em casa?
  - Sempre
  - Às vezes
  - Raramente
  - Nunca
3. Nas leituras realizadas por você, com que frequência os personagens negros aparecem como protagonista?
  - Raramente aparecem como protagonistas
  - Nunca aparecem como protagonistas
4. Você conhece algum texto literário de escritores (as) negros (as)?
  - Sim
  - Não
5. Você conhece algum (a) escritor (a) negro (a)?
  - Sim
  - Não

**APÊNDICE N**  
**Carta de Apresentação**  
Fonte: Acervo dos Autores

**CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

**Profa.** Adervânia Cabral Cunha de Sousa.

Diretora do Curso de Letras.

**Para:** Sérgio Martins da Silva

Diretor (a) da escola Unidade Integrada professor Galeno Edgar Brandes

Barra do Corda - MA

**ASSUNTO: Aplicação de Projeto.**

Sr. (a) Diretor (a),

Venho através desta solicitar de Vossa Senhoria permissão para as acadêmicas **CINTIA NAIARA DA SILVA SOARES DE SOUSA** e **MICHELL HELRE DOS ANJOS RODRIGUES** do Curso de Letras do Campus UEMA Barra do Corda, para que possam **aplicar um Projeto de Intervenção de TCC** neste estabelecimento de ensino.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Barra do Corda (MA), 14 de setembro de 2023.



---

Direção do Curso de Letras

---

Diretor (a) da Escola



**Uema**

CAMPUS  
BARRA DO CORDA

**REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL  
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO**  
<http://repositorio.uema.br/>

**1 DADOS DOS AUTORES**

Nome: Antia Naiara da Silva Soares de Sousa  
Curso/departamento Letras CPF: 03373947332  
E-mail: lntiasousa1@aluno.uema.br telefone: (99) 982858817

Nome: Michell Hebe dos Anjos Rodrigues  
Curso/departamento Letras CPF: 004.854.803-47  
E-mail: michellhebe@gmail.com telefone: (99) 98823-1457

**2 IDENTIFICAÇÃO DO DOCUMENTO**

Tipo de documento:

- Monografia de graduação ( ) Monografia de especialização ( ) Dissertação ( ) Tese  
( ) Livros ( ) Artigo de periódico ( ) Outro, informar qual: \_\_\_\_\_

Título do documento ‘O Negro como Protagonista no conto “A Escrava” de Maria Firmina dos Reis, uma Proposta em consonância com a Lei 10.639/03 na U.F. Professor Galeno Edgar Bandes em B.d.c

Local Uema / Barra do Corda ano: 2024

Orientador: Prof. Me. Raimundo José Rodrigues de Moura

Co-orientador \_\_\_\_\_

**3 ESPECIFICAÇÕES PARA LIBERAÇÃO ON-LINE**

- a) Liberação imediata   
b) Liberação a partir de 1 ano ( )  
c) Liberação a partir de 2 ano ( )  
d) No aguardo do registro de patente ( )  
e) Liberação somente no repositório UEMA ( )

**4 PERMISSÃO DE ACESSO**

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho acima citado, **autorizamos** a Biblioteca Digital da Universidade Estadual do Maranhão a disponibilizar gratuitamente, sem

ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de nossa autoria, em formato PDF, para leitura, impressão e/ou download, conforme permissão assinalada.

Barra do Corda-MA, 05, de 02, 2024

Antia Mariana da Silva Soares de Sousa

Assinatura do autor

Michell Hebe dos Anjos Rodrigues

Assinatura do autor